



UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
Faculdade de Ciências Humanas – FCH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA - PPGPsi

JOÃO PEDRO VILAR NOWAK DE LIMA

**"BARBA, CABELO E BIGODE": UMA CARTOGRAFIA SOBRE
OS SENTIDOS DE MASCULINIDADE EM UMA BARBEARIA DE
CAMPO GRANDE - MS**

Dourados - MS
2022

JOÃO PEDRO VILAR NOWAK DE LIMA

**"BARBA, CABELO E BIGODE": UMA CARTOGRAFIA SOBRE
OS SENTIDOS DE MASCULINIDADE EM UMA BARBEARIA DE
CAMPO GRANDE - MS**

Dissertação de Mestrado apresentada à Banca Examinadora da Universidade Federal da Grande Dourados, como pré-requisito para obtenção do título de Mestre em Psicologia, sob a orientação do Prof. Dr. Esmael Alves de Oliveira.

**Dourados - MS
2022**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

L732b	<p>Lima, João Pedro Vilar Nowak de Lima. Barba, cabelo e bigode : uma cartografia sobre os sentidos de masculinidade em uma barbearia de Campo Grande-MS. / João Pedro Vilar Nowak de Lima. – Dourados, MS : UFGD, 2022.</p> <p>Orientador: Prof. Esmael Alves de Oliveira. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal da Grande Dourados.</p> <p>1. Masculinidades. 2. Homossociabilidade. 3. Barbearia. 4. Mato Grosso do Sul. I. Título.</p>
-------	--

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central – UFGD.

©Todos os direitos reservados. Permitido a publicação parcial desde que citada a fonte.

BANCA AVALIADORA

Prof. Dr. Esmael Alves de Oliveira (Presidente da banca – PPGPsi/UFGD)

Prof. Dr. Marcos Nascimento (Fiocruz/RJ – Avaliador externo)

Prof. Dr. Guilherme Rodrigues Passamani (PPGAS/UFMS – Avaliador externo)

RESUMO

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, sob viés etnográfico-cartográfico, que se dedicou à compreensão das masculinidades produzidas em uma barbearia localizada na cidade de Campo Grande (MS). Tomando como base o campo de estudos sobre masculinidades, contemplando os aspectos históricos e culturais locais, busquei compreender quais modelos de masculinidade são produzidos e/ou subvertidos a partir da lógica de (auto)cuidado. Se a masculinidade é constituída enquanto um dispositivo sócio-histórico, os processos de interação entre barbeiros & barbeiros, e barbeiros & clientes revelam que a idealização do que é “ser homem” está em constante processo de negociação, questionamento e ressignificação. Observando meu delineamento metodológico, enredei minhas organizações corpóreas e subjetivas, criando relações com os meus interlocutores e verificando conflitos, tensões e cumplicidades que foram sendo tecidas e (re)significadas ao longo da pesquisa. Como resultado, a constatação de uma masculinidade que se constrói por meio de performances, discursos, valores e moralidades.

Palavras-chave: masculinidades, homossociabilidade, barbearia, Mato Grosso do Sul

ABSTRACT

This is a qualitative research, under an ethnographic-cartographic bias, which was dedicated to the understanding of masculinities produced in a barbershop located in the city of Campo Grande (MS). Based on the field of studies on masculinities, contemplating local historical and cultural aspects, I sought to understand which models of masculinity are produced and/or subverted from the logic of (self)care. If masculinity is constituted as a socio-historical device, the processes of interaction between barbers & barbers, and barbers & clients reveal that the idealization of what it means to “be a man” is in a constant process of negotiation, questioning and resignification. Observing my methodological design, I entangled my corporeal and subjective organizations, creating relationships with my interlocutors and verifying conflicts, tensions and complicities that were woven and (re)signified throughout the research. As a result, the realization of a masculinity that is built through performances, speeches, values and morals.

Keywords: masculinities, homosociability, barbershop, Mato Grosso do Sul

RESUMEN

Se trata de una investigación cualitativa, con sesgo etnográfico-cartográfico, que se dedicó a la comprensión de las masculinidades producidas en una barbería ubicada en la ciudad de Campo Grande (MS). A partir del campo de estudios sobre las masculinidades, contemplando aspectos históricos y culturales locales, busqué comprender qué modelos de masculinidad se producen y/o subvierten desde la lógica del (auto) cuidado. Si la masculinidad se constituye como un dispositivo socio-histórico, los procesos de interacción entre barberos & barberos, y barberos & clientes revelan que la idealización de lo que significa “ser hombre” está en constante proceso de negociación, cuestionamiento y resignificación. Observando mi diseño metodológico, entrelacé mis organizaciones corpóreas y subjetivas, creando relaciones con mis interlocutores y verificando conflictos, tensiones y complicidades que se tejieron y (re)significaron a lo largo de la investigación. Como resultado, la concreción de una masculinidad que se construye a través de actuaciones, discursos, valores y moral.

Palabras clave: masculinidades, homosociabilidad, barbearía, Mato Grosso do Sul

AGRADECIMENTOS

A mim, que não abduco do meu compromisso ontológico com as relações e seus potenciais de mudança;

À Annick, que me apoia em meus projetos e acredita nos meus sonhos lembrando meu potencial;

Ao Carlos, que se disponibiliza a aprender comigo como é a paternagem e me lembra de cuidar;

Ao Gabriel, que partilha seus anseios e receios comigo, lembrando que é possível fazer diferente;

À Maria Alice, que se preocupa e me lembra que sou querido;

À Alice, que me proporciona suporte, carinho e forças para trilhar meu percurso;

Ao Arthur, que se disponibiliza a rever condutas e comportamentos das amizades entre homens;

À Daiane, que me acolhe e me lembra que sou capaz de construir vínculos, ter responsabilidades e conquistar meu próprio espaço;

Ao Esmael, que me proporcionou distanciamento da rigidez literária e me evidenciou outros potenciais;

Ao meu cachorro Foucault, que estabelece rotina e me lembra que sou capaz de zelar e ensinar.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo fomento e incentivo que viabilizou a presente pesquisa

Aquilo que, creio, produz em mim o sentimento profundo, em que vivo, de incongruência com os outros, é que a maioria pensa com a sensibilidade, e eu sinto com o pensamento.

Para o homem vulgar, sentir é viver e pensar é saber viver. Para mim, pensar é viver e sentir não é mais que o alimento de pensar.

Sumário

INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO I - FUNDAMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA: PERCALÇOS (IN)COMUNS DA METAMORFOSE MASCULINA	13
1.1 MASCULINIDADES: UM CAMPO EM PERMANENTE CONSTRUÇÃO	22
CAPÍTULO II: PERCORRENDO ESPAÇOS DE HOMOSSOCIABILIDADE NA CIDADE DE CAMPO-GRANDE (MS): HISTÓRIA, URBANIDADE, INTERIORIDADE E MASCULINIDADES	32
2.1 ASPECTOS HISTÓRICOS DA MODERNIZAÇÃO DE CAMPO GRANDE	32
2.2 O ESPAÇO URBANO E SUAS ZONAS DE CONTATO COM AS MASCULINIDADES CAMPO-GRANDESES	39
2.3 COM QUANTOS “CUIDADOS” SE FAZ UM HOMEM?	46
CAPÍTULO III: CRIANDO ESTILOS, FAZENDO HOMENS	59
3.1 ESTABELECENDO (CONTRA)CONDUTAS NA ANTECÂMERA NA BARBEARIA DON PABLO	65
CONSIDERAÇÕES FINAIS	76
REFERÊNCIAS	79

INTRODUÇÃO

Da coabitação às adjacências, da subordinação aos exercícios de poder, capturar nuances masculinas é interpretar e participar da teatralidade que instituições, grupos e organizações sociais balizam de acordo com as necessidades e motivos sobrepostos dos e pelos regimes político-ideológicos de cada época. Trata-se de concatenar o homem e sua instância (re)criadora, contemplando processos afetivos, que se expressam no corpo, na linguagem e nas práticas do cotidiano, configurando os espaços de sociabilidade.

O movimento consciente/inconsciente exterioriza comportamentos, crenças e condutas. À medida que esses tornam-se ritos de passagem da vida humana, organizam-se práticas sociais que, por sua vez, ratificam instâncias subjetivas, as quais engendram motivos e necessidades de ação. A subjetividade, enquanto processo psicossocial, desenvolve-se, movimenta-se e se efetiva na realização, subversão e/ou transgressão dos ritos e costumes socialmente produzidos e/ou reiterados.

Por meio dos processos de subjetivação, os quais incidem sobre a própria noção de sujeito individual, autônomo, livre, interiorizado, nos identificamos como únicos, ao passo que somos membros de grupos sociais que se articulam em torno de valores socialmente compartilhados. Ou seja: reconhecemo-nos a partir de uma coletividade socioculturalmente localizada, e que é produtora de valores, crenças e normatividades.

Ao investigar as masculinidades, o agrupamento social serve como uma, se não a principal, prática que estabelece e dita o que é “ser homem” no mundo. É através do arbitramento de códigos socialmente compartilhados que homens e mulheres vão se estabelecer em relação ao mundo masculino e/ou feminino, produzindo relações de gênero que balizam suas vidas e que estabelecem um roteiro sexual (“*scripts*”) para cada sujeito (GAGNON, 2006; BOZON, 2009). Nesse percurso, os homens agem pela manutenção ou subversão das masculinidades, aderindo ou rejeitando, obedecendo ou resistindo às regras de virilidade apresentadas socialmente como “naturais” num contínuo, e sempre precário, processo de tornar-se homem.

Meu exercício enquanto pesquisador foi desvelar a deliberação por trás da manutenção, subversão ou transgressão. Para tanto, enredei minhas

organizações corpóreas e subjetivas em minha investigação e, a partir disso, expressei meus afetos, minhas produções e posições de sujeito nas análises aqui presentes.

Desnudando a mim mesmo enquanto homem cis pardo, classe média, escolarizado, sul-mato-grossense, pesquisador e psicólogo, fui à campo. Inicialmente pretendia realizar uma comparação entre as produções de masculinidade em duas ou mais barbearias. Isto me rendeu algumas visitas às barbearias da minha região, o que me levou a redesenhar minha pesquisa a partir do livre acesso que pude obter em uma e não em outra.

Minhas primeiras visitas às barbearias foram permeadas por um incômodo, e esse emergia, principalmente, quando não havia clientes e eu estava ali. Percebi que, apesar dos atrativos como sinuca, cerveja, pebolim, televisão e até videogames, os homens tinham uma passagem breve na barbearia, principalmente as centrais.

Acredito que a pandemia da COVID-19 associado ao fator do propalado “pragmatismo masculino”, que cria uma noção de que homens são práticos e rápidos em serviços manuais, possibilitaria um mecanismo célere aos atendimentos. Em decorrência do contexto da pandemia, algumas barbearias de Campo Grande (lócus onde se desenvolveu a pesquisa) atendiam apenas com horário marcado e os clientes não transitavam pelo espaço – os diálogos entre si ou com os barbeiros eram muito restritos.

De todo modo, notei que ficar em uma barbearia sem usufruir serviços e especificar o motivo poderia gerar desconfiança ou estranheza por parte dos barbeiros, ao passo que expor minha intenção de pesquisar os deixaria receosos em relação a minha presença e, com isso, o tratamento dispendido a mim seria diferente do que almejava, devido à especificidade da minha pesquisa. Naquele momento, dado meu incômodo, notei que investigar esses espaços não seria tarefa simples (como até então imaginara), implicaria sentir desconfortos, experimentar inquietações e ouvir silenciamentos, aspectos que me acompanhariam durante todo o campo.

Em um momento de compreensão decidi que para realizar esta pesquisa eu não poderia surgir no campo como um desconhecido ao mesmo tempo que seria desafiado a relativizar minhas noções de familiaridade com o mundo dos

homens (VELHO, 1978). Assim, deveria assumir os limites e possibilidades que são impostos distância social e distância psicológica (VELHO, 1978).

Tornou-se necessário uma porta de entrada às barbearias, algo ou alguém que me colocasse próximo do dinamismo dos bastidores. Percebi que isto ocorreria se fosse apresentado por um dos membros do grupo, de modo que me possibilitasse fazer parte do coletivo.

Meu *insight* nesse sentido deu-se ao passo que pensava sobre a viabilidade de execução desta investigação, especificamente na questão do pertencimento ao coletivo que escolhi. Vejo que esse entrave inicial e a angústia que ele gerou já era o início da minha pesquisa. Pois, foi quando senti na pele a demanda de ser aceito pelo grupo, de ser reconhecido e acolhido é que me dei conta de que já estava inserido num universo da “casa dos homens” (WELZER-LANG, 2001). Uma casa simbólica, com seus códigos, valores, regras, ritos e rituais.

De todo modo, considerando meu compromisso ético, bem como minha metodologia de pesquisa, tornava-se imprescindível que estivesse em um local que pudesse, de fato, sentir-me um pesquisador. Senti que a lógica imposta aos serviços da barbearia e, por consequência, aos barbeiros, a qual prediz ao prestador de serviço determinada conduta, e ao cliente certa forma de ser atendido, sintetiza relações muito mecânicas. Esse contexto, marcado por interações, diálogos, jocosidades, rituais de cuidado, seria um espaço privilegiado para que eu pudesse captar, dentre outras coisas, narrativas de produções da masculinidade na lógica de cuidado à estética. Interessava-me expressões e criações masculinas que eram organizadas naquele ambiente.

Ficou evidente que, para assimilar estas nuances, era necessário que eu fizesse parte desse coletivo. Antes mesmo de ter esta percepção tão clara, lembrei que um parente próximo tem uma barbearia a qual possuo livre acesso. Guardei isso na memória por algumas semanas e me coloquei a experienciar dinâmicas de outras barbearias.

Frequentei tanto barbearias mais simples, pensadas para atender determinado recorte social quanto barbearias mais badaladas, que dispunham de maior número de serviços e produtos, com clientes pertencentes a camadas sociais mais abastadas. Nestas experiências notei a influência de alguns marcadores sociais de diferença, tais como raça e classe social.

Ao longo da pesquisa, me deparei com muitos olhares e pré-julgamentos dos barbeiros. Isso era evidenciado de modo que as interações entre eles e comigo eram expressas inicialmente de modo muito superficial. Minha sensação era de que os diálogos ficavam no início das inquietações e perturbações que o ofício da investigação poderia implicar. Ou seja, conversas sobre trivialidades e que são “puxadas” com qualquer cliente. Em síntese, era possível perceber que, para os barbeiros, conversar sobre seu cotidiano era como pisar em ovos, pois eu estava ali como um cliente e não como uma pessoa próxima.

Decidi que deveria me apresentar aos barbeiros como uma figura “familiar”, próxima, tal como um barbeiro seria para o outro. Nesse momento, me aproximei do meu parente e pedi para que ele me levasse à barbearia e me apresentasse aos barbeiros como um amigo. Isso me asseguraria uma gama de interações que se distanciavam da lógica cliente-barbeiro, e me aproximaria dos bastidores da barbearia, além de me propiciar menor distanciamento com os clientes.

Dado os enredos e amarras, interessava-me captar as produções de masculinidade na barbearia, pensando o homem como produto das relações de gênero. Tratava-se de investigar não apenas a sujeição de ser homem, ou seja, o repertório de uma série de pensamentos, condutas e comportamentos que são socialmente reiterados e repercutem nos corpos de cada um, mas as nuances, ambiguidades, negociações que cercam a composição de masculinidade de um frequentador de barbearia. Minha intenção foi captar uma masculinidade no plural (CONNELL, 1995) e que se elabora a partir de determinados jogos de negociações. No caso desta pesquisa, isso implicou minha disposição para experienciar, estar em um coletivo de homens que me reconhecessem enquanto tal.

Em termos metodológicos, percebi, depois de um tempo, que para me fazer visível na dinâmica da barbearia e capturar nuances da estilização das masculinidades ali presentes precisaria inserir-me em um único estabelecimento, no qual eu pudesse participar das dinâmicas cotidianas por trás dos fluxos de atendimento. Minha proximidade com o citado parente, da

*Barbearia Don Pablo*¹, facilitou minha imersão no campo e, por consequência, no pertencimento no coletivo de barbeiros do estabelecimento.

Dado a escolha pelo local da pesquisa, iniciei minha investigação, verificando tensões, conflitos e balizamentos das masculinidades. Ao logo desse processo, percebi que os homens forjam para si um agrupamento específico em cada barbearia, de forma que são demarcados critérios de pertencimento ao grupo hegemônico.

Na presente pesquisa, sustentada na perspectiva etnográfico-cartográfica, busquei não apenas “entender o que “está sendo dito” por [meus] interlocutores” (FONSECA, 1999, p. 59), mas também tornar o que me era familiar um ponto em questão (VELHO, 1978). Assim, ocupei-me em desnudar os paradigmas de construção dos modelos de masculinidade em cena, ao mesmo tempo que busquei estar atento às lógicas de estilização do cuidado masculino e que compõem as estruturas de uma masculinidade hegemônica e/ou que a ela se contrapõem.

Ao longo dos próximos capítulos, busco sintetizar os paradigmas de organização das masculinidades com os quais me deparei durante a pesquisa, e demonstrar como estes afetam os corpos dos homens e deixam marcas em suas subjetividades. A partir disso, articulo minha experiência com autores/as que versam sobre as masculinidades. A seguir, convido os/as leitores/as a percorrer comigo o campo a partir dos seguintes capítulos:

No capítulo I, “Fundamentos Metodológicos da Pesquisa: Percalços (In)Comuns da Metamorfose Masculina” apresento a discussão metodológica que sustentou a análise empreendida bem como uma pequena revisão de literatura sobre alguns estudos clássicos e contemporâneos sobre masculinidades.

No capítulo II, “Percorrendo Espaços de Homossociabilidade na Cidade de Campo-Grande (MS): História, Urbanidade, Interioridade e Masculinidades”, exponho especificidades de origem do estado de Mato Grosso do Sul e de sua capital. Recorro aos agrupamentos que emergiram na época de divisão do estado de Mato Grosso e suas motivações, com o intuito de contextualizar o leitor acerca dos costumes e demonstrar como àquelas influências são dispostas

¹ Ao longo de toda a dissertação, por preocupações de ordem ética, utilizo nomes fictícios tanto com relação às barbearias quanto com relação aos frequentadores.

nas relações afetivas, sendo tecidas e (re)organizadas no entorno de uma masculinidade que se empenha no afastamento de condutas instituídas e normalizadas da região no intuito de produzir uma “masculinidade cosmopolita”. A partir disso, demonstro como as masculinidades na região, apesar de orientadas por conjuntos simbólicos arranjados em torno do capital político-ideológico do Agronegócio, tão presentes em Mato Grosso do Sul, constroem modos de se “ser homem” que tencionam com as lógicas locais.

Por fim, no capítulo III, Criando Estilos, Fazendo Homens, apresento a barbearia buscando desvelar personagens e situações cotidianas que são reveladoras dos modos como se constituem as masculinidades. Para isso, exponho como alguns códigos morais e valores responsáveis pela construção de modelos de condutas e comportamentos hegemônicos.

CAPÍTULO I - FUNDAMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA: PERCALÇOS (IN)COMUNS DA METAMORFOSE MASCULINA

Elencar um método de investigação no presente estudo apresenta alguns entraves, entre eles, o desafio de estudar processos e acompanhar movimentos de produção das subjetividades² dos homens, de modo a superar modelos de aprendizagem pautados em conceitos e/ou modelos engessados.

É necessário assegurar no plano dos processos uma sintonia entre objeto e método, recorrendo a uma perspectiva metodológica que possibilite o enfoque nas relações (FONSECA, 1999). Ou seja: o entendimento acerca do “objeto” de pesquisa precisa acompanhar a multiplicidade das interações e sentidos que se produzem em processo.

Não por acaso, trabalha-se com realidades construídas em conjunto ou de maneira participativa, cabendo a mim, na condição de pesquisador, a responsabilidade da (re)construção das narrativas, em que os papéis de um pesquisador-cartógrafo se misturam.

Assim, é fundamental abarcar meus sentimentos, afetos e inquietações, isto porque eles representam uma das várias forças motrizes que guiam o percurso deste trabalho. Nesse sentido, penso que seja importante expor o ponto de partida da minha pesquisa e, com isso, envolver afetos e sentimentos que foram sendo tecidos ao longo da minha investigação – e que foram fundamentais para tudo o que pude vivenciar e posteriormente analisar. Pretendo expor essas tensões à medida que dialogo com autores que validam a pesquisa etnográfica e cartográfica. É me valendo do percurso pessoal, acadêmico e profissional que vou arquitetando formas críticas de analisar e pensar os homens e as masculinidades no contexto de uma barbearia localizada em Campo Grande.

Reconheço que esse pressuposto é observado nas contribuições de Deleuze e Guattari (1995, p.21) que, ao organizarem o princípio do Rizoma, atestam no pensamento sua força performática e pragmática, em uma gênese

² Vale expor que compreendo a subjetividade a partir do diagrama de governamentalidade foucaultiano, explorado a partir da década de 1980, momento em que a subjetividade passou a ser pensada através de dois vetores: as práticas de assujeitamento e as práticas de si; o que engendra um caráter coletivo, institucional e político ao conceito de subjetividade.

“inteiramente voltada para uma experimentação ancorada no real”. Trata-se de reconhecer que os homens atravessam seus próprios objetos, alterando-os, podendo esses serem rompidos em qualquer ponto sem necessariamente eliminar algo, mas, possivelmente, abrindo múltiplos percursos a partir de suas interrupções.

É pensando nesta acepção que articulo meu saber ao meu corpo, às inquietações e atravessamentos cotidianos, que são pertencentes a todos os modos de vida, mas ganham especificidade a partir da singularidade do pesquisador que acompanha processos (BARROS, KASTRUP, 2012). O caráter particular, organizado pelas minhas inquietações, é presente neste escrito à medida que ele se relaciona com narrativas e histórias de homens que performam nos espaços de homossociabilidade, especificamente na barbearia, articulando pensamentos e ações que são materializadas nas interações cotidianas.

Por meio dos vínculos afetivos percebo que as emoções, intrínsecas aos modos de comunicação, unem-se aos fatos sociais. Assim, a alegria, a dor, o desgosto, a angústia, o medo e demais afetos e sentimentos, são fenômenos que carregam o peso fisiológico, psicológico e do social (ALVAREZ; PASSOS, 2012). Consequentemente, precisei escutar silenciamentos e suas eloquências com o corpo, perceber como as histórias e narrativas enredam processos complexos de subjetivação.

Adotar esse guia é contemplar a inseparabilidade entre conhecer e fazer, entre pesquisar e intervir, pois, “toda pesquisa é intervenção” (PASSOS; BARROS, 2009, p.17). Assim, assumir esse método de análise é implicar coletividades que compõem o espaço a ser pesquisado, considerando esse em sua integridade, acessando, nas instituições, os processos de institucionalização.

Meu exercício enquanto pesquisador foi o de desvelar a deliberação por trás da manutenção, subversão ou transgressão das masculinidades, observando quais modelos são criados no contexto de uma barbearia da minha região, percebendo como o cuidado com o corpo e com a estética afetam dinâmicas e narrativas masculinas.

As relações que vivenciei durante a presente pesquisa me permitiram repensar minha subjetividade, daqueles que me cercam, e dos grupos que faço

parte, seja criando amizades e cumplicidades ou mesmo distanciamentos. Pude refletir sobre modelos de hierarquia, cumplicidades, amizades, opressões, violências e subjugações, processos inerentes à constituição das masculinidades.

No presente, vejo que minha entrada no campo das masculinidades não tem data específica, apesar de haver um determinado momento que optei por me dedicar a essas questões, o que vou esmiuçar mais à frente. O fato é que minha opção resguarda tantos acontecimentos, que delimitar um ponto de partida torna-se uma missão praticamente impossível de ser alcançada.

Nasci e fui criado em Campo Grande, capital de Mato Grosso do Sul, local que realizei a presente pesquisa. Colocando-me a pensar sobre meu encontro com as narrativas masculinas da minha região, vejo como a diligência da cultura do sertanejo e do agronegócio afetou e afeta a maneira com a qual me constituí enquanto sujeito.

Sou o filho mais velho de três irmãos. Minha mãe ficou grávida ainda jovem, aos dezenove anos. Após três anos veio minha primeira irmã e, após nove anos, meu outro irmão. Na infância era comum que meu pai se ausentasse de casa por dias para trabalhar, enquanto minha mãe se restringia aos afazeres de casa. Após esses anos todo de diálogos e leituras com o campo das masculinidades, consigo reconhecer como ambos eram jovens e se guiavam por modelos pré-estabelecidos.

Em que pese, tenho poucas lembranças da infância, é como se ela tivesse escapado pelos meus dedos de forma muito célere. Lembro especificamente de um episódio em que estava por volta dos meus dez anos de idade e comentei com um casal de vizinhos, no intervalo das minhas voltas de bicicleta, que gostaria de chegar rápido aos quinze. Lembro de ter sido alertado que talvez não fosse isso que eu gostaria, pois o tempo iria passar de forma tão célere, que talvez nem me lembraria da idade atual e que, por conta disso, era melhor viver o momento. Hoje sinto a veracidade das palavras daquele casal.

Seja por necessidade ou costume, o fato é que precisei amadurecer cedo, não muito diferente dos amigos que consigo recordar. Não notei meus quinze anos passarem. Recordo que desde novo tive de fazer o uso do transporte público e me responsabilizar pela minha irmã menor. Afinal, “o papel de um homem” em formação – eu era apenas um garoto -, é o de cuidar da sua

irmã mais nova. Garantir que ela não sofra com o assédio dos homens mais velhos, não seja importunada, e chegue bem em casa.

Além dessas atribuições, precisava cuidar de minha mãe enquanto meu pai viajava estado afora. Por obviedade, não cabia a mim, enquanto criança, cuidar da casa e da minha mãe, mas esse era um sentimento recorrente nas ausências de meu pai. Havia certa expectativa quanto aos papéis e responsabilidades - quando ele não estava, sobrava apenas um homem na casa, que era eu.

Meu local de residência sempre foi a capital. Houveram algumas mudanças, mas o fato é que sempre estive na região central, apesar de guardarmos alguns costumes e hábitos do interior. Tanto os meus avós quanto minhas bisavós eram pessoas do campo e, com isso, ensinaram algumas condutas que acredito que foram levadas à frente.

Minha cidade, conforme vou demonstrar com mais detalhes adiante, conta cento e vinte e dois anos. Quando pensado em gerações, é uma capital nova, que carrega em seu tecido afetivo-regional³ memórias de uma vida agrária ainda cindida em suas relações de gênero. Não à toa minha família tinha a configuração que apresento agora.

Meu pai, era representante comercial, foi pouco presente em minha infância. Recordo que a sensação de esperar por ele era similar à expectativa de um presente. Na literalidade, os presentes existiam, meu pai os trazia, provavelmente uma forma de compensar a ausência de tantas viagens e trabalho, além de reconhecer que, durante suas viagens, eu estava ocupando o “papel de homem da casa”.

Recordo que o acompanhava em algumas viagens, como quem tivesse algo a aprender naquelas peregrinações. Mas o fato é que esses distanciamentos repercutiram mais do que os presentes e as poucas idas às cidades do interior. Lembro que durante a época de descoberta da minha masculinidade (aquele momento do dar-se conta do sentido de ser homem), sentia falta de algumas orientações.

³ Elaborei este termo pensando em como os afetos e as emoções são tecidas em acordo a uma dada especificidade de narrativas regionalizadas. Penso que o estabelecimento, a rua, o bairro, a cidade, bem como demais fatores regionais da coletividade tensionam e engendram um modo específico de afeto e este, por sua vez, cria sentimentos que são coletivos, mas tecidos na história singular daqueles que se permitem à experiência que o local oferta.

Como de costume, busquei em homens mais velhos aprender algumas condutas (CONNELL⁴, 1995; CONNELL, MESSERSCHMIDT, 2013; WELZER-LANG, 2001). Por volta dos meus quinze anos dispunha de companhias que beiravam os vinte e dois. Na presença destes colegas, era submetido a toda prova: excesso de bebidas alcóolicas, rivalidades no esporte, competições de quem era mais audacioso em abordagens com mulheres e, claro, disputas de quem ofendia mais aqueles sujeitos que eram lidos como femininos.

Após explorar alguns artigos sobre masculinidade, descobri que “no mundo dos homens”, as chacotas, as violências e o medo são sentimentos comuns (CONNELL, 1995; CONNELL, MESSERSCHMIDT, 2013; WELZER-LANG, 2001; KIMMEL & MESSNER, 1992; KIMMEL, 2016).

Levava comigo, nessa época de aprendizado, a bagagem de quem tinha responsabilidades e, de alguma forma, precisava dar conta do recado, ao passo que deveria se provar homem, ser reconhecido pelos meus pares. Os afetos foram sendo tecidos e meu corpo moldado de forma que essa repressão e violência soassem natural, como se todos do meu círculo social tivessem passado por aqueles ritos.

Esses percalços resultaram em uma adolescência turbulenta, recheada de confrontos com colegas de classe, desentendimentos com professores, brigas em casa e violências, praticadas contra mim mesmo e contra aqueles que faziam me sentir vulnerável. Inclusive, a violência era um fator muito presente entre meus colegas e amigos de turma. Pesquisas como a do Welzer-Lang (2001) e Kimmel (2016) demonstram que ela é um elemento presente nas dinâmicas relacionais masculinas.

De todo modo, enquanto homem e pesquisador, coloquei-me a propagar algumas forças, tal qual propõem Passos e Barros (2009, p.30), ao informar que o processo de investigação se dá em uma dinâmica de propagação da força potencial que os fragmentos da realidade trazem consigo, pois “propagar é ampliar a força desses germens potenciais numa desestabilização do padrão”.

⁴ Socióloga australiana, importante referência no campo de estudos sobre masculinidades, que, após passar por um processo de transição de gênero (até então identificava-se no masculino como Robert Connell), passa a assumir sua identidade de gênero no feminino como Raewyn Connell.

Com esta breve localização de minha trajetória pessoal, situo nos estudos das masculinidades uma referência fundamentada no constante devir humano, considerando-o em sua dupla acepção, ou seja, devir que acontece ao ser e devir de que consiste no ser, entendendo-o como dimensão do ser ou a capacidade de se “defasar por relação a ele mesmo, de se resolver em se defasando” (SIMONDON, 1989, p.10), isto porque “O mundo psicossocial do transindividual não é nem o social bruto nem o interindividual” (Idem, p.19).

Guattari (1964) explora a questão do devir ao discorrer sobre transversalidade, explicando que esta se desdobra nas redes comunicacionais, que implica um método que vai se modulando na análise da dinâmica comunicacional nas instituições, colocando, lado a lado, distintos, que tornam grupo sujeito e grupo sujeitado, que podem se diferir, mas não se separam. Abarcar essas sínteses é compreender que os elementos da vida não são, mas estão e, com isso, podem ser alterados a qualquer momento, com múltiplas possibilidades.

No ramo acadêmico, minha vivência no campo de pesquisa das masculinidades se iniciou na graduação, em um projeto de iniciação científica denominado “Identidade Masculina na contemporaneidade: novas sínteses dialéticas”. Trata-se de uma revisão bibliográfica sobre masculinidades a partir da década de 1980, momento que houve o advento dos movimentos feministas no Brasil (LIMA e MONTREOZOL, 2018).

Na época de execução dessa pesquisa lembro que frequentava muitos congressos e palestras em que a temática de violência contra as mulheres estava bastante presente. Diante dos vários discursos sobre o impacto da violência contra mulheres e crianças, surgiu uma inquietação que foi a força motriz da minha investigação: afinal, se os homens são os que praticam a violência doméstica e familiar, por que se estuda o impacto dessa violência para os demais grupos e não o motivo pelo qual homens têm conduta violenta?

Atualmente vejo que o fenômeno da violência é mais complexo do que eu imaginava à época. Ele é multifacetado e pertence às relações sociais como um todo (NASCIMENTO, 2001). Mas o que me inquietava era porque não se propunha a investigar àqueles que praticam a violência. Hoje vejo que parte dessa inquietação era fruto da ignorância de quem estava começando na vida acadêmica, ao passo que, de fato, os mecanismos de hierarquização e

regulação que o machismo imbrica permitem que os homens se coloquem como uma medida padronizável, como se não fossem passíveis de um estudo.

De todo modo, iniciei minha investigação, partindo dos estudos sobre identidade e trilhando até o campo das masculinidades. Ler sobre homens e processos de subjetivação me proporcionou maiores compreensões. Ali comecei a questionar relacionamentos com colegas mais velhos, que me ensinavam o que era ser homem e como deveria me comportar. Refleti sobre os amigos da minha faixa etária, que pareciam reproduzir, junto a mim, os ensinamentos dos mais velhos e me vi pensando sobre minha relação com o meu pai.

Dado contexto, emergiram várias inquietações e incômodos, que acredito que já estavam presentes, mas foram desnudados com o ato de pesquisar e se implicar no campo. A partir daí, não se tratava mais de mera entrada acadêmica no campo das masculinidades, mas sim uma questão pessoal. Daquele momento em diante, pensar o que é ser homem e como isso era organizado e posto para mim, e para aqueles que me cercam, passou a ser algo que me mobilizava.

A minha sensação era de que tudo o que aprendi precisava ser revisto, ponderado e avaliado. Não sei por quanto tempo durou, mas tive uma sensação de fragmentação, como se fosse uma desintegração. Acredito que essa vivência diz respeito ao privilégio de ser homem e, por alguns momentos, não ser questionado sobre sua própria masculinidade, mas sim ser acostumado a aprender e obedecer às regras e normas sociais.

Nessa época de escrita, fazia estágio extracurricular nas dependências do Tribunal de Justiça de Mato Grosso do Sul, trabalhando no Núcleo de Adoção, auxiliando em processos de Avaliação Psicossocial. Lembro de que, em um certo evento, fui apresentado às pessoas que estavam trabalhando com políticas públicas voltadas para o enfrentamento da violência contra a mulher.

Descobri que estavam iniciando um grupo para homens autores de violência denominado “Dialogando Igualdades”, que era alusivo à Lei 11.340/2006 (Maria da Penha) que, em seu artigo 35, inciso V, propõe que a União, o Distrito Federal, os Estados e os Municípios poderão criar e promover centros de educação e de reabilitação para os agressores (BRASIL, 2006).

O grupo era pioneiro nessa temática no âmbito sul-mato-grossense e carregava como objetivo "Promover mudança cultural sobre a violência contra a

mulher, a partir da reflexão e responsabilização de homens autores de violência doméstica e familiar contra a mulher, através de atividades grupais de caráter reflexivo e psicopedagógico (TJMS, 2017, p. 6)”.

A partir de então, pude mergulhar no campo das masculinidades, onde pude realizar pesquisas sobre identidade masculina e feminismo. Iniciei meu trabalho com o grupo para homens autores de violência e problematizava minhas questões, afetos e emoções.

Inicialmente, era observador do grupo para homens autores de violência. Conforme o tempo se passou, e dado meu interesse pelo tema e a necessidade do Tribunal em abrir mais grupos, me tornei coordenador de um ciclo. Naquela oportunidade, pude ver e ouvir repercussões de uma masculinidade que é organizada no imperativo da violência, do sexismo e da intolerância.

Tenho na lembrança de ser uma época de muita turbulência na minha vida pessoal, muitos embates com o meu pai, muitos desencontros com amigos e insegurança com mulheres. Era como se estivesse em (re)construção, pois, ao passo que estava me questionando e desnaturalizando sobre como, enquanto homem, sou tolhido dos sentimentos de incapacidade e impotência, no grupo para homens autores de violência, esses discursos emergiam como verdades únicas, que ganhavam seus contornos em histórias e narrativas pessoais (NASCIMENTO, 2001).

Era curioso como existiam significações comuns àqueles homens, o que demonstrava que, não por coincidência, estavam todos no mesmo grupo, respondendo a partir de um mesmo aparato legislativo, que criava processos similares e os confrontava em crenças tão parecidas (NASCIMENTO, 2001).

Pensar sobre aquilo me confortava à medida que fazia eu me sentir enclausurado, amarrado a questionamentos e reflexões que pareciam não fazer sentido para outras realidades. Os homens costumam fazer alianças e cumplicidades quando são questionados em sua hegemonia, a fim de conservar estes atributos (ZANELLO, 2020).

Esse conjunto de fatores me colocava em exercício no meu questionamento sobre as masculinidades e os homens, ao passo que ia coincidindo com minhas organizações corpóreas e subjetivas. Meu estágio extracurricular caminhou para o fim, assim como meu projeto de iniciação

científica e minha graduação. Tais ciclos finalizaram, mas minhas inquietações de pesquisa seguiram.

Essas inquietações vão em direção ao que Passos e Barros (2009, p.27) colocam como interesse da pesquisa cartográfica, pois nela importa o que está além do grupo, em seus atravessamentos, dando consistência ao espaço intermediário. Isso possibilita pensar os grupos, as instituições e as organizações como redes de inter-relações.

Breakwell (2010), explica que em uma abordagem etnográfica, o pesquisador se engaja em um processo de interpretação e de reconstrução da realidade, o que permite que ele entenda as realidades construídas daqueles que são entrevistados ou observados. Assim, o objetivo de pesquisas com essa metodologia é de entender “o mundo social das pessoas através da imersão em sua comunidade para produzir descrições detalhadas da cultura e das crenças” (SPENCER, RITCHIE, LEWIS e DILLON, 2003, p. 77 apud BREAKWELL, 2010, p. 310).

Dada minha inquietação, bem como a especificidade da pesquisa, esse delineamento metodológico veio a calhar, pois o processo de investigação prevê a partilha dos atravessamentos de valores constituídos, tais como interesses, expectativas, compromissos, desejos e crenças, de maneira que a análise se efetue na dobra dessas formas instituídas possibilitando expressão ao processo de institucionalização, percebendo a dinâmica do devir que “potencializa resistências atuais e atualiza existências potenciais” (LORAU, 2004, p.213).

A acolhida de uma abordagem etnográfica, em conjunto com um método cartográfico permitem aprofundar questionamentos que motivaram a presente investigação, à medida que o fenômeno se expressa em suas várias possibilidades. Trata-se de potencializar o campo e compreender sua amplitude, verificando processos de subjetivação que se articulam na lógica de cuidado com a aparência e com o corpo em barbearias sul-mato-grossenses, abrangendo a especificidade do campo e, sobretudo, despindo-se de uma visão generalizante e pré-determinada.

Trata-se de compreender a masculinidade em seu caráter de incompletude, em suas (im)possibilidades. Laclau (1987) dispõe de contribuições significativas neste sentido:

O caráter incompleto de toda totalidade leva-nos necessariamente a abandonar como campo de análise, a premissa da “sociedade” como uma totalidade sutura e autodefinida. Sociedade não é um objetivo válido de discurso. Não há nenhum princípio subjacente isolado que determine – e, portanto, constitua – todo o campo das diferenças (LACLAU, 1987, p.111)

Então, o ponto de partida da pesquisa foi o sujeito em suas interações. É no movimento das relações que se busca os meios de compreensão e desnaturalização do que se apresenta como natural e, para tanto, necessita-se recorrer às agruras do senso comum.

1.1 MASCULINIDADES: UM CAMPO EM PERMANENTE CONSTRUÇÃO

Através do percurso teórico-metodológico que venho desenvolvendo até agora, é evidente que tornar-se homem é algo posto nas/e pelas relações sociais e resguarda uma gama de organizações, regras e condutas, que balizam trajetórias pessoais e intersubjetivas (CONNELL, 1995; CONNELL, MESSERSCHMIDT, 2013; KIMMEL & MESSNER 1992). Diante disso, organizei este capítulo para trazer um arcabouço teórico sobre o campo das masculinidades, de forma a situar o/a leitor/a quanto ao estado da arte sobre a temática. Ao passo que exponho esses elementos teóricos, faço amarras com situações que vivenciei na barbearia, a fim de demonstrar a potência de autores/as e teorias.

Do ordenamento coletivo às subversões percebemos que a masculinidade não é estática, atemporal ou a-histórica. Ela é construída socialmente, criada pela cultura, que engendra sentidos distintos que sobressaem às diferentes pessoas inseridas em diferentes contextos histórico-culturais. As definições de masculinidade estão em constante mudança, e são materializadas no terreno político e social das relações (WELZER-LANG, 2001; BOURDIEU, 2012).

O homem pode ser visto como uma coleção variável de significados construídos através da relação consigo e com os outros. O esquadrinhamento acerca das masculinidades implica percorrer uma história patriarcal que se constituiu em meio à naturalização de mecanismos de violência, sectarismo, sofrimento e austeridade (WELZER-LANG, 2001; KIMMEL, 2016; ZANELLO,

2020). Importante mencionar que pelo menos desde a década de 1980, mas principalmente 1990, inúmeros trabalhos estrangeiros têm se voltado para o universo das masculinidades (KIMMEL; MESSNER, 1992; BADINTER, 1993; CONNELL, 1995, CONNELL, MESSERSCHMIDT 2013; KIMMEL, 1998; ALMEIDA, 1996, BOURDIEU, 2012).

No Brasil, uma vasta literatura, pertencente aos mais variados campos disciplinares, também se dedica ao tema das masculinidades no mesmo período. Vale destacar os trabalhos de Nolasco (1993, 2001), Lyra (1997), Jardim (2001[1995]), Caldas (1997), Medrado (1997), Arilha, Unbehaum e Medrado (1998), Nascimento (2001) dentre outros. Tal proliferação de pesquisas e reflexões ocorreu ao passo que as feministas avançavam com os estudos de gênero, pois elas evidenciavam que diferenças entre homens e mulheres eram constituídas pela cultura e, por consequência, percebia-se que as desigualdades eram frutos das relações de poder entre os gêneros e se encontravam naturalizadas no ordenamento social, ganhando contornos nos processos de “virilização” do mundo que encontram legitimidade nas estruturas normativas.

Diante da amarra que o poder viril produz nas várias instâncias sociais, torna-se necessário posicionar-se de forma crítica ao campo, na intenção de não cair em armadilhas reducionistas. Assim, os próximos parágrafos irei expor alguns aportes que se tornaram consenso na produção acadêmica sobre as masculinidades, visto que eles contemplam especificidades necessárias aos estudos de gênero, tais como: 1) adotam uma perspectiva relacional; 2) compreendem as iniquidades advindas da exploração do trabalho na sociedade capitalista; 3) contemplam as especificidades geográficas na produção das subjetividades; e 4) suplantam a noção estruturalista/essencialista sobre as categorias sexo, sexualidade e gênero.

Iniciamos com as contribuições da Elisabeth Badinter (1993) que aponta uma masculinidade organizada, sinteticamente, em dois momentos: primeiro no imperativo da virilidade, ratificando o projeto imposto pelo patriarcado, que prediz uma masculinidade baseada na honra; e, em um segundo momento, em um negativo, o qual é construído pela rejeição a tudo o que é significado socialmente como docilidade, dependência e submissão.

A autora desenvolve a tese de que o gênero masculino é constituído universalmente pela necessidade de separação dos meninos da relação com a

mãe, que representa o mundo feminino. Ela dá vários exemplos da necessidade de separação do menino da mãe, que representa o mundo das mulheres e, em sua maioria, o ambiente doméstico.

No contexto das barbearias o imperativo da virilidade é presente. Nesses espaços os homens se produzem para performar um ideal de masculinidade hegemônica afastado do universo das mulheres. Não distante dos outros coletivos, a questão da honra emerge em algumas situações, visto que na barbearia os homens forjam para si um modelo hierárquico.

Na *Don Pablo* a honra se manifesta quando se percebe a relação de cuidado dos barbeiros com seus objetos de trabalho, tais como máquinas, tesouras, pentes e produtos para o cabelo. A barbearia não disponibiliza materiais para seus funcionários e cada barbeiro precisa ter seu próprio material, o que gera alguns tensionamentos, pois, por vezes, os barbeiros precisam emprestar materiais um do outro, por conta de alguns danos nos instrumentos de trabalho ou, no caso da máquina, por falta de bateria.

Essa questão da honra será mais explorada à frente, quando narro episódios em relação às motocicletas e às cadeiras da barbearia. O fato é que, dado contexto de hierarquização das relações entre os homens na “casa dos homens” (WELZER-LANG, 2001), cria-se uma relação desses com os objetos que remetem a um poder bastante íntimo, dos homens com as “suas coisas”, de modo que ultrapassar esses limites, ou seja, fazer usufruto daquilo que é considerado de um outro barbeiro, representa desrespeitá-lo e desonrá-lo - por mais que o objeto esteja à disposição de todos os funcionários da barbearia.

Connell (2013) apresenta um esquema para a compreensão do universo das masculinidades baseado nas relações entre masculinidade hegemônica, subordinada, cúmplice e marginalizada. A autora parte do princípio de que as relações de gênero são arenas de tensão que se constituem por meio das relações e, em se tratando das masculinidades hegemônicas, ela explica que existem padrões específicos de divisão interna e conflito emocional.

Tais conflagrações geram uma hierarquia entre os homens, que parte da masculinidade hegemônica assume como uma forma honrada de ser homem e implica nos outros uma forma de se posicionarem de modo subserviente em relação a ela, tal como nas masculinidades cúmplices, que se expressam na associação entre os homens na busca de um projeto hegemônico - uma vez que

eles não o corporificam em termos materiais e simbólicos, dividem o poder patriarcal que envolve a hegemonia.

Já a categoria subordinação é ligada às identidades gays e outras dissidências sexuais na relação com grupos de homens heterossexuais, tais como aqueles que performam uma masculinidade hegemônica e cúmplice. Nessa, os homossexuais são estigmatizados e subordinados pela experiência cotidiana por meio da violência, da discriminação, da chacota e dos boicotes. Por fim, a autora aponta que a marginalização ocorre quando as relações entre masculinidades hegemônicas, cúmplices e subordinadas são acrescidas de características que remetem à raça/etnia que fogem do modelo hegemônico.

Connell (2013) carrega um cuidado ao organizar essas categorias: aponta que as relações não são fixas, mas sim configurações de práticas sociais que são engendradas e possuem um recorte geográfico, que pode ser percebido em esferas globais, regionais e locais.

No contexto da barbearia escolhida para a presente pesquisa, as contribuições da Connell (2013) são inspiradoras: dada a organização hierárquica entre os homens, é visto que eles passam a se associar, de modo a agir em prol da manutenção do modelo hegemônico posto, e essa possibilidade emerge quando eles se unem em detrimento de alguém ou alguma categoria.

É o caso da união entre Pablo e Giovani – proprietários da barbearia. Ocorre que Pablo se posiciona como um verdadeiro macho alfa na barbearia, tanto que o estabelecimento carrega seu nome. Independente do motivo, o fato é que Giovani não se posiciona dessa forma, mas cria uma cumplicidade com Pablo de modo que os barbeiros o reconheçam tal como Pablo, e isso só é possível através do mecanismo de cumplicidade.

Esses interlocutores, que se posicionam como representantes do modelo hegemônico na barbearia criam algumas tensões que permitem, por exemplo, elencar um grupo de homens que, ao não possuírem determinados atributos considerados legítimos pelo grupo, passam a ocupar um espaço de marginalidade. É o caso da expressão *manês*⁵ utilizada por Giovani em

⁵ Giovani utiliza este termo para dizer que os barbeiros não poderiam se comportar e nem possuir um linguajar de “mano”. Para ele, existem determinadas gírias que não poderiam ser empregadas no espaço da barbearia, visto que ali, do ponto de vista dos sócios, não seria o ambiente adequado para maloqueiros.

determinado momento. Tal expressão deixava evidente a existência de um grupo de homens (que por apresentarem determinados hábitos de vestuário e comportamento) não eram bem-vindos à barbearia e muito menos cogitados como possíveis candidatos a trabalhar na mesma. Pablo utilizava de gírias e modos de comportamento para identificar os sujeitos que pertencem a esse grupo e, com isso, praticar a estigmatização do mesmo.

Curiosamente a categoria de subordinação, àquela ligada às identidades homossexuais, também se apresenta neste momento. Durante a pesquisa não vi nenhum cliente que se sentisse à vontade para dizer ou demonstrar ser homossexual, isso pode ter ocorrido pelo fato de que nenhum homossexual frequente o espaço ou, ainda, frequentam, mas não se sentem à vontade para expor sua vida afetiva e sexual diante da heteronormatividade que cerca a dinâmica do ambiente. De todo modo, nos bastidores da barbearia, ou seja, na conversa entre os barbeiros, é comum usar o termo “gay”, “veado” e “bicha” de forma jocosa, de modo que eles são lançados na intenção de ferir determinada conduta e excluir comportamentos.

Distante dos bastidores, notei que o uso do que é tido como feminino para dirimir condutas masculinas é presente quando os barbeiros atendem crianças. Nesses momentos, eles fazem comentários como “isto é coisa de homem”, ou, até “se ficar com este cabelo grande vai ficar parecendo menininha”, entre outros. Contudo com homens adultos, não notei a expressão da subordinação em cena.

Dentre as produções mais recentes no campo da psicologia no Brasil encontram-se as reflexões de Valeska Zanello (2020). De acordo com a autora, as masculinidades são alicerçadas sobre o ‘dispositivo de eficácia’, que se fundamenta na virilidade sexual e laborativa, criando processos de subjetivação das masculinidades. A autora explica que a virilidade sexual compulsória é constituída em dois pontos opostos: o positivo, relacionado à produção e exibição de performances de sexualidade ativa; e o negativo, que abrange as interdições aos signos que coloquem em xeque essa virilidade.

Tanto Zanello (2020) quanto Daniel Welzer-Lang (2001) sustentam suas análises na categoria analítica de “casa dos homens” – tomada de empréstimo do antropólogo francês Maurice Godelier. O conceito da “casa dos homens” explica que o processo de subjetivação das masculinidades é organizado de

forma que se deve “aprender a sofrer para ser homem, aceitar a lei dos maiores” (WELZER-LANG, 2001, p.463)

Welzer-Lang (2001) explica que os meninos aprendem, desde a escola, a aprendizagem austera dos códigos e ritos masculinos, que implicam em competições de virilidade que perpassam o esporte, brigas físicas e competições. E, nisso, a máxima envolve aprender desde cedo a não ser como as meninas.

Para o autor, tornar-se homem ocorre através de uma dupla violência mimética: inicialmente contra si mesmo, através do endurecimento do corpo e dos afetos e, em segundo momento, contra os outros, através do questionamento das masculinidades que fogem à norma. Assim, a aprendizagem viril é construída em um paradigma homofóbico, que garante aos “grandes homens” privilégios à custa das mulheres e à custa dos próprios homens, estruturando hierarquias masculinas a partir de um duplo poder (WELZER-LANG, 2001).

Em aporte similar, Michael Kimmel (2016, p. 106-110), utilizando-se de um arcabouço Freudiano, explica que a masculinidade se organiza como fuga do feminino, pois, primeiramente, o menino se afasta da figura materna (feminina) a fim de se associar à figura paterna (masculino) e com isso deixa de incorporar traços que remetem à feminilidade e à figura materna, que são “característicos de nutrição”, tais como compaixão, amparo e carinho.

Em segundo momento, o menino suprime nele próprio essa gama de características, pois, a partir disso, ele poderá demonstrar que houve uma separação com a mãe e, com isso, edificar uma identidade que nasce da renúncia ao feminino. Em terceiro, o menino passa a externalizar a conquista das duas primeiras etapas, aprendendo a desvalorizar traços femininos como forma de conduta, rechaçando fraqueza ou fragilidade, pois isso seria visto como covarde ou afeminado.

Na Barbearia Don Pablo, este processo, de desvalorizar formas de conduta entendidas como pertencentes ao feminino, emerge de modo ambivalente. Ao analisar as narrativas e performances dos interlocutores, foi possível perceber que suas interações reafirmam a renúncia de comportamentos tidos como femininos, tais como docilidade, mansidão e submissão. Contudo, no exercício dessa hegemonia, contraditoriamente também me deparei com a

valorização da função de cuidado a partir da noção de “homem responsável”. Nesse sentido, a paternidade e o exercício de cuidado que ela implica para a dupla Pablo e Giovani, emergem como sinônimo de responsabilidade pelos que estão sob sua guarda (mulheres, filhos e funcionários) e zelo pelo espaço que trabalham.

Curiosamente, a paternidade e o exercício de cuidado que ela implica, para a dupla Pablo e Giovani que ocupa a antecâmara da barbearia, instituindo regras e normas de conduta que os homens devem performar na barbearia, emergem como sinônimo de responsabilidade e zelo pelo espaço que trabalham. Nesse contexto, a externalização das duas primeiras etapas, conforme Kimmel (2016) ainda resguarda atributos e características do feminino, expondo o paradigma conflituoso de organização da subjetividade masculina, e o quanto o modelo ideal é sempre inacabado.

Apesar do exposto, Kimmel (2016) contempla esse paradigma ao expor em sua análise que os homens se constituem como tal a partir de outros homens, sob um olhar minucioso e cuidadoso, que assiste, classifica e outorga o domínio da masculinidade, pois “os homens provem a sua masculinidade aos olhos de outros homens é tanto uma consequência do sexismo e um dos seus pilares principais” (KIMMEL, 2016, p. 110).

Neste sentido, “a masculinidade é uma aprovação homosocial, seu sentimento dominante é medo”, pois “a homofobia é um princípio organizador central de nossas definições culturais de masculinidade”, visto que ela é “o medo de que possamos ser percebidos como gay” (KIMMEL, 2016, pp. 110-111).

O autor organiza seu método de análise calcado na homofobia, no medo, na vergonha e no silenciamento, visto que estes sentimentos convocam o homem no lugar em que finge ser viril e advém do receio da humilhação. Entretanto, na *Barbearia Don Pablo*, é visto que o exercício da hegemonia, que se alicerça, de fato, em um paradigma homofóbico, resguarda entraves na porta de entrada da casa dos homens que Pablo e Giovani forjam para si.

De todo modo, é reconhecível a virilidade como centralizadora nas dinâmicas sobre masculinidade, sendo seu exercício o lócus de desdobramento dos comportamentos que remetem à hegemonia, à violência, à intolerância, ao sofrimento, mas que, ao mesmo tempo, também tece afetividade entre os

homens, criando cumplicidades e amizades, que tem como fundo a lógica da brotheragem.

No que se refere a categoria antropológica virilidade, existem contribuições marcantes que orientam a compreensão deste aspecto, tais como a dos autores Alain Corbin, Jean-Jacques Courtine e Georges Vigarello (2013) e a Nicole-Claude Mathieu (1985). Corbin, Courtine e Vigarello (2013) produzem um extenso estudo sobre a história da virilidade e explicam que esta representa o homem sem falhas, distante das contradições e das associações à subordinação e ao feminino. Expõe-se, a partir da categoria virilidade, comportamentos e pensamentos que vão da demonstração de força física à contenção e repressão dos sentimentos e emoções.

Para os autores, a virilidade atravessa tempos, culturas, cotidianos, sociabilidades, ações individuais e coletivas, criando raízes na política e na economia. Assim, ela modula e regula as relações de poder, principalmente aquele ligado às subjetividades e ao coletivo humano.

Corbin, Courtine e Vigarello (2013, p.8), informam que “A virilidade é histórica como é inevitavelmente antropológica”. Nesse processo, nas sociedades ocidentais, o conceito de virilidade endossa determinados padrões de comportamento tendo como fundamento a organização cidadã⁶⁷, retratando uma matriz, um modo de reconhecimento, unido ao engendramento de práticas que comportam a conduta viril.

Em consequência dessa compreensão, é possível tencionar a virilidade como um modo de análise global, mas não universalizante. Examinemos:

⁶ Nas sociedades ocidentais, a virilidade está no fundamento da constituição cidadã, pois, na antiga Grécia, era considerado cidadão aquele que dispunha da Aretê, traduzido como “excelência”, que envolvia um conjunto de qualidades cívicas, morais e intelectuais, que um sujeito deveria dispor e exercer. Entre as virtudes, existia o conceito de Andréia, traduzido como “coragem”, que designava a constituição da palavra virilidade, sendo definida como: princípios de comportamentos e de ações, que designa, no Ocidente, as qualidades de um homem apto ao exercício da política e do governo de si e dos lugares, principalmente da casa, para afirmação da virilidade.

⁷ A cidadania tem seu conceito alicerçado em vários contextos, como: jurídico, político, ecológico, educacional, filosófico etc. De todo modo, pode ser compreendida como conjunto de normas e regras de condutas individuais que são organizadas para a boa e harmônica convivência em sociedade, advindas de instituições sociais ou dos costumes do povo da terra. Ferreira Filho (1999) explica que “A cidadania [...] é um *status* ligado ao regime político. Assim, é correto incluir os direitos típicos do cidadão entre aqueles associados ao regime político, em particular, entre os ligados à democracia [...] distinguem-se, por isso, duas faces na cidadania: a ativa e a passiva. A cidadania ativa consiste em poder escolher; a passiva em, além de escolher, poder ser escolhido.”

Mathieu (1991, p.43) apresenta “os sexos como produtos de um *rapport* social”, o que permite ver sexo e gênero como conceitos intrincados e com isso perceber a questão do poder, balizadora na constituição viril.

A partir disso, a autora se fundamenta na discussão do androcentrismo e do etnocentrismo. Questionando mulheres ocidentais, que são acusadas de etnocentrismo, imperialismo e racismo ao se ocuparem das opressões físicas, econômicas e mentais de outros grupos e povos, ela demonstra que dissociar a noção de minoritária da noção de “mulher” nas outras culturas permite, a partir da acusação do etnocentrismo, negar um problema que faz parte de toda a sociedade, que é o androcentrismo resultado dos *rapports* de poder entre os sexos, o que resulta na recusa, por um lado, de pensar questões internas e de outro a continuar dissimulando uma realidade fundamental.

Sem delongas, Mathieu (1991, p. 125) acredita que as acusações de etnocentrismo representam “um novo avatar, culpabilizado, do próprio etnocentrismo: considerar as sociedades ocidentais como “à parte” sob o pretexto que oprimem as outras”. Em síntese, o posicionamento crítico da autora permite:

[...] reconhecer que, na maioria dos casos, existe, no que concerne o poder dos homens sobre as mulheres, o “viriarcado”, uma similitude estrutural entre nossas sociedades e as outras – para além de conteúdos específicos [...] Esse caráter de proximidade quanto aos *rapports* de sexo entre as sociedades ocidentais e outras sociedade – especialmente patrilineares, patrivilocais e fortemente viriarcais (que representam 80% das sociedades conhecidas e sobre as quais são baseadas a maior parte das teorizações etnológicas) – produz por vezes cegueiras e empatias entre as/os pesquisares/as e as/os etnólogos. (MATHIEU, 1991, p. 125-126)

O subsídio do viriarcado, organizado pela Mathieu (1991) permite pensar a categoria da virilidade em sua relação com as organizações locais, tal como a presente investigação se desdobra ao analisar não apenas as masculinidades presentes na *Barbearia Don Pablo*, mas, com isso, examinar as relações viris da sociedade sul-mato-grossense, que carrega em seu bojo modos específicos de subjetivação que permitem aos homens comportamentos, ritos e costumes que são próximos devido aos *rapports* sexuais da região.

Dada as contribuições dos/as autores/as, compreende-se a importância que o tema da virilidade assume nos trabalhos de Badinter (1993), Connell; Messerschmidt (2013), Welzer-Lang (2001), Zanello (2018) e Kimmel (2016).

É visto que a masculinidade é efetivada por meio do agrupamento, quer seja rechaçando determinadas características ou ratificando padrões de conduta pensamento, riso, silenciamento ou medo. Agrupamento esse que toma o referencial de virilidade como um mecanismo de agenciamento.

Observando que a presente investigação se dedica às masculinidades e toma como referencial a lógica de cuidados à estética disposta em um espaço de homossociabilidade como a barbearia, torna-se pertinente investigar as lógicas culturais que atravessam as conformações de masculinidades locais.

CAPÍTULO II: PERCORRENDO ESPAÇOS DE HOMOSSOCIABILIDADE NA CIDADE DE CAMPO-GRANDE (MS): HISTÓRIA, URBANIDADE, INTERIORIDADE E MASCULINIDADES

2.1 ASPECTOS HISTÓRICOS DA MODERNIZAÇÃO DE CAMPO GRANDE

Crenças sobre comportamentos de homens e mulheres são criadas a partir da coletividade, que moldam, através da história, condutas, comportamentos e ritos que são confrontados com o corpo biológico e findam por serem cindidos em polos dicotômicos, masculinos e femininos, apresentando-se como “naturais”, apesar de serem eminentemente sociais, históricos e relacionais.

A fim de trazer este arcabouço histórico, delimito o início destes aspectos em sua configuração na trama da urbanização e modernização da cidade de Campo Grande - MS, que aceleram os processos sociais a partir de transformações de diversas ordens. Pensar sobre os homens e os espaços de homossociabilidade a partir de uma cidade localizada na região centro-oeste do país, e com uma conformação sociocultural marcada pelo capital econômico-cultural do agronegócio, nos desafia à uma perspectiva localizada e parcial.

Especificamente em relação ao tema das masculinidades, a sensação de pertencimento a esse contexto remete a uma história atravessada por uma configuração pluriétnica (constituída por indígenas, brancos e negros), e sustentada nos valores brancos, patriarcais e cristãos. Não por acaso, se cria no imaginário coletivo local um ideal de masculinidade que pertence ao capital simbólico do agro (BECKER, OLIVEIRA, CAMPOS, 2016).

Minha intenção de trazer aspectos históricos do desenvolvimento de Campo Grande advém do fato de que é nesse espaço que engendramos nossas vidas e exercemos o cotidiano que, por sua vez, sintetiza uma gama de afetos, desejos e políticas que se configuram no imaginário e na vida cotidiana de uma população.

É através do fluxo cotidiano que homens e mulheres têm contato com o mundo e suas produções materiais e simbólicas, permite sua apropriação, e que são expressas nas práticas e narrativas. É através disso que se percebe as

dinâmicas masculinas e suas configurações. Lefebvre (1999, p.94) explica que “Na vida cotidiana, setor privilegiado da prática, as necessidades se convertem em desejos. Nela tomam forma e nela passam de biológicos (ou seja de animais e vitais) a humanos.”.

Assim, a cidade e seus espaços de sociabilidade, são essenciais para se compreender o cotidiano e, por consequência, práticas, desejos e necessidades materiais e simbólicas que se inscrevem nos corpos e nas subjetividades de sua população. Isso se faz presente quando narro características de inclusão e exclusão dos homens que ocupam a antecâmara da barbearia. Esses discursos não emergem apenas de uma hegemonia masculina, mas resguardam nessa tensionamentos de sua localização específica (atravessada por gênero, raça, classe, sexualidade, geração), que está situada em uma cidade e um estado com características próprias. Essa primeira parte do capítulo busca fornecer aos leitores/as aspectos históricos da criação de Campo Grande.

Para melhor compreender os processos de transformação urbana que perpassaram Campo Grande, é necessário retornar aos acontecimentos que permitiram fundar a capital. Desse modo, é possível conhecer expectativas que permeavam a cidade em seu processo de formação.

Lenita Calado (2010) aponta que, de acordo com registros de memorialistas, a primeira viagem do mineiro José Antônio Pereira à região de Mato Grosso foi por volta de 1872. Dois anos mais tarde, por volta de 1875, já com seus familiares e amigos, na porção localizada na confluência dos atuais córregos Prosa e Segredo, organizou-se o local que passou a ser conhecido como “Arraial de Santo Antônio de Campo Grande”.

Paulo Machado (1990, p. 38) nos diz que o local não passava de uma porção de ranchos, que embora alinhados um ao lado do outro, o formato não apresentava característica urbana. Comenta, ainda, sobre a receptividade da comunidade na chegada da comitiva do Bispo de Cuiabá Dom Carlos Luis D’Amour, escrevendo:

As pessoas que habitavam Campo Grande, na época, viviam situadas umas junto às outras, mas sem maiores ligações a não ser a amizade ou o parentesco. Inexistia uma integração maior, por falta de presença do governo, do contato com a capital da província e mesmo pela ausência de lideranças mais atrativas. A região sentia-se abandonada,

dona do próprio destino, sem disciplina, sem conforto, inteiramente balda dos mais elementares recursos.

Antônio Oliveira Neto (2003) expõe que a ausência de um comportamento urbano efetivo impedia o surgimento de novas necessidades coletivas, pois os moradores levavam uma vida essencialmente agrária, regidos pelo tempo cósmico e tinham seus padrões de higiene e de condutas moral e social definidos pelo isolamento e pela dispersão - comuns aos modos de vida do campo.

De acordo com Calado (2010), em organização ao Código de Posturas⁸, regulamentava-se a compra e venda de produtos alimentícios na região, bem como determinava o trânsito nas estradas e os comportamentos dos moradores em seu âmbito moral, proibindo esses de fazerem barulho, algazarras ou dar gritos à noite. A partir deste código, é possível vislumbrar o cerceamento das expressões. Conforme Cleonice Gardin (1999, p.60), o Código de Posturas já mostrava a tendência à homogeneização no ambiente urbano, pois era formado de:

[...] normas que estipulam condutas de vida na medida em que estabelecem procedimentos de limpeza, tanto pública quanto particular; da proibição de atividades que provoquem incômodo aos habitantes, como o malcheiro (sic) dos curtumes e da criação de porcos e derivados; bem como de procedimentos de asseamento (sic) na comercialização de bens comestíveis.

É através do Código de Posturas que os habitantes começaram a experimentar algum tipo de normatização que buscava orientar relações sociais entre os moradores, bem como as relações deles com o espaço que habitavam, visto que ele foi implementado como consequência de uma conjunção de fatores que interferiram, contundentemente, na vida daqueles/as que ali viviam, tendo um papel fundamental na formação do comportamento urbano e dos hábitos locais (OLIVEIRA NETO, 2003).

Campo Grande era a principal porta de entrada para o vasto território do antigo Estado de Mato Grosso e, não à toa, seu Código de Posturas era uma cópia quase íntegra daquele vigente na cidade de Corumbá (OLIVEIRA NETO, 2003). Corumbá, por sua, vez, representava, através dos rios da Bacia do Prata,

⁸ Trata-se do primeiro aparato legislativo organizado na região que hoje é Campo Grande (MS). As normas postas nele tinha como referência o código de Corumbá (MT), que era uma cidade tida como grande centro devido aos seus rios que permitiam comercialização com comércio de outras cidades.

o elo de ligação entre Brasil e Buenos Aires, Montevideu e Rio de Janeiro, fazendo ligação transatlântica direta com cidades mais desenvolvidas naquele momento.

Oliveira Neto (2003) informa que Corumbá importava mercadorias dos centros mais desenvolvidos dos continentes sul-americano e europeu, repassando mercadorias e novas ideias, influenciando seus habitantes à medida que as elites e as populações das cidades menores do Mato Grosso se referenciavam no desenvolvimento de Corumbá.

A Vila Campo Grande foi criada anteriormente ao Código de Posturas, na virada do século XIX para o XX, através da resolução nº225, de 26 de agosto de 1899. A região foi definitivamente enquadrada em 1902 na categoria de município, quando passou a ser regido por administração pública própria, encabeçada por Francisco Mestre, nomeado primeiro intendente (GARDIN, 1999; COSTA, 1999).

Foi por meio do Código de Posturas que Campo Grande instituiu regras de higiene, limpeza e ordenamento das áreas públicas, ao passo que, ao mesmo tempo, dava lugar a regulamentação das condutas moral e social, criando comportamentos que condiziam mais com a realidade urbana vivida nos centros mais desenvolvidos.

A lei definia critério para comercialização de mercadores através da adoção de pesos e medidas. Além disso, buscava aumentar a importância do estado no cotidiano, criando cargos de agentes públicos que cuidavam da vigilância e controle, prevendo atribuição de multas e penalidades aos que descumprissem o Código.

Os dez primeiros capítulos do Código de Posturas previam o estabelecimento de normas que diziam respeito ao comércio, às terras e aos aspectos de higiene e limpeza da cidade. Traziam aparatos de regulamentação dos produtos e ditavam critérios para conservação das casas, desobstrução das ruas, etc.

Os aspectos sociais e morais, que são de maior interesse à presente pesquisa, começam a ser trabalhados nos capítulos dez e onze do mesmo código. Por exemplo, no artigo 45º, proibia-se fazer barulhos, algazarras e dar gritos durante a noite, além de “fazer-se sambas, catiretes, ou outros quaisquer brinquedos que produzam estrondo ou vozeria dentro da Villa”.

Somado a isso, não se podia falar palavras obscenas ou escrever nas paredes das casas ou muros palavras ou figuras indecentes que ofendessem a moral pública. Era proibido armas, exceto por profissionais que delas necessitassem. O código deixava evidente a preocupação em estabelecer critérios de convivência em um ambiente mais urbano, no qual a aglomeração de pessoas era desejada e a aproximação das moradias inevitável.

As punições tinham pesos diferenciados, que dependiam do delito praticado, o que se evidenciava, por exemplo, no estabelecimento de multas como alternativa às prisões. Além disso, determinava-se o pagamento em moeda para diversos serviços prestados pela Câmara Municipal, demonstrando a intenção do uso do dinheiro como elemento importante no cotidiano daquele agrupamento de pessoas.

Oliveira Neto (2003) aponta que a lei surgiu como expressão de um novo contexto político, em que os dirigentes da sociedade procuravam prepará-la para uma nova forma de vida, na qual as incessantes trocas de mercadorias eram inevitáveis, bem como o agrupamento de sujeitos, o que trazia à tona a lei e o fortalecimento do estado, determinando a produção espacial e social do lugar.

Daí em diante efetivou-se o processo normativo que seguiu um modelo de transformações, criando-se centros urbanos. Conforme Oliveira Neto (1997, p. 31-32):

Em 1909, sob encomenda da Prefeitura, o engenheiro Nilo Javari Barém desenhou a primeira planta da cidade. Era, na verdade, um projeto de expansão urbana, caracterizado, principalmente, por projetar ruas e calçadas bastante largas e retilíneas, formando um tabuleiro de xadrez, num quadrilátero de nove logradouros no sentido leste-oeste e outros cinco no sentido norte-sul. Ficava bastante clara a intenção do projeto, de facilitar o trânsito de pessoas, animais e veículos, encampando as preocupações burguesas e incorporando as novas preocupações urbanísticas

De todo modo, foi com a chegada da ferrovia que a economia local ganhou impulso, inserindo agentes sociais que passam a estabelecer novas imagens e sensações em relação ao tempo e às distâncias. Logo, engendrou-se novos paradigmas e as pessoas da cidade enxergaram as transformações, pois

A inauguração da ferrovia instaurou, inexoravelmente, na região, uma nova relação social, ditada, dessa vez, pelo capital monopolista de São Paulo, ao mesmo tempo em que estabeleceu, no imaginário dos habitantes do lugar, novos paradigmas em relação ao tempo e às distâncias (Oliveira Neto, 2005, p.99).

Oliveira Neto (2005) explica ainda que isso fez com que a população incorporasse, paulatinamente, padrões de comportamento em sintonia com aqueles já praticados nas principais cidades brasileiras, como São Paulo e Rio de Janeiro, que, por sua vez, estavam sendo influenciados pelo modo de vida urbano europeu.

É com o advento dos trilhos que o imaginário da população campo-grandense começa a ser alterado, pois com a modernização havia a ampliação do campo de atividade social e era possível visualizar as oportunidades de mudança junto à construção de um futuro. Logo, o ideal de “progresso” começa a ser arquitetado na sociedade, pois tornou-se possível ligar um “rural” ou, ainda, um “interior” ao resto do mundo.

A modernização começa a ganhar cariz com as ferrovias construídas, servindo de inspiração na procura pelo novo, representando o princípio da construção de um imaginário moderno que era realizado por meio de máquinas e desenvolvimento tecnológico. Conforme Dilma Paula (2004, pp 51-52), as ferrovias possibilitaram:

O conceito de modernidade surgido no século XIX como resposta à agressão do mundo industrial, generalizou-se em meados do século XX, metamorfoseando-se na idéia de modernização, principalmente nos países localizados na esfera terceiro-mundista. [...] Faz-se, de preferência, tábula rasa da experiência humana pregressa e, conseqüentemente, do devir, moldável aos “novos” interesses.

Ademais, Gardin (1999, p.72) faz considerações sobre a ferroviária em Campo Grande:

A locomotiva representava no início do século o grande símbolo da modernidade, que além de alterar substancialmente o modo de vida, se impõe sertão adentro com uma velocidade que encurta as distâncias outrora penosas. O movimento do trem vai criando por onde passa um imaginário ligado ao novo ritmo. O tempo passa a ser ditado pelo movimento do trem e se cronometra pelos horários estipulados pelas viagens. [...] Uma sociedade que se revela através da busca incessante do lucro é uma sociedade que necessita do encurtamento das distancias e dos contatos mais freqüentes que esse encurtamento provoca. Portanto, Campo Grande vai fechando circuito em torno do ideal do desenvolvimento, do progresso, assumindo logo após o status de cidade

O encurtamento citado pela autora, em conjunto com o imaginário de “cidade moderna”, faz com que as relações fossem alteradas, de modo que a cidade promovesse um movimento rumo ao mundo “modernizado”. Assim:

[...] O imaginário do progresso, que tinha na ferrovia seu maior símbolo, penetrava nas mentes dos administradores da “distante” cidade de Campo Grande, impulsionando os desejos de “atualizarem-se” diante

das rápidas transformações provocadas pelos trilhos de ferro. Era preciso limpar, separar, arruar, higienizar e principalmente conter suas “gentes”. O surto de “modernização” da cidade de Campo Grande talvez não seja apenas resultado da chegada da ferrovia, mas os discursos que o legitimavam, embasavam-se no imaginário do progresso, apressada pela visão dos trilhos de ferro e na crescente diferenciação espacial entre “cidades e sertões” que este novo tempo carregava (ARRUDA, 2000, p. 218).

É visto que o ideal de “modernização-progressista” organizado no imaginário social inicia o balizamento de condutas e comportamentos a partir do movimento da cidade e da criação de um novo cotidiano. A partir disso, cria-se modos e atitudes que esses cidadãos, que estão a caminho da “civilização”, precisam começar a dispor.

Nesse processo de “modernização”, Campo Grande teve como modelos São Paulo e Rio de Janeiro. Como aponta Gardin (1999, p.69): “como São Paulo e Rio de Janeiro são considerados por excelência centros de civilização, nota-se que os dirigentes de Campo Grande a eles querem se vincular para que esta deixe de ser apenas um arraial longínquo oeste”. A autora ainda faz uma análise do impacto desse referencial no início do século XX:

É neste contexto que em 1918 se constitui num ano de um novo impulso modernizador decisivo para a estruturação da cidade. São os atos do governo municipal neste ano e no ano subsequente: criação de serviço veterinário para exame do gado abatido no matadouro municipal; concessão de serviço de fornecimento de energia elétrica; iluminação pública, estabelecimento da zona urbana para 222 hectares e seus limites; regulamentação das construções e reconstruções de prédios, numeração, obrigatoriedade de calçadas; novos impostos de patente e predial; nivelamento da cidade como base para as construções e melhoramentos futuros (Gardin, 1999, p. 76).

Acerca do impacto da “modernidade”, do “moderno” e da “modernização”, Marshall Berman (2007, p.43) explica que estes englobam a industrialização e a urbanização, destruindo para reconstruir o “modelo ideal de sociedade moderna isento de perturbações”. É por meio do uso de novas tecnologias e do maquinário, que a modernidade como processo histórico atravessa as cidades e as pessoas, concebendo anseios do mundo moderno. O autor afirma ainda que:

Assim, a arquitetura e o planejamento modernistas criaram uma versão modernizada da pastoral: um mundo espacialmente e socialmente segmentado – pessoas aqui, tráfego ali; trabalho aqui, moradias acolá; ricos aqui, pobres lá adiante; no meio, barreiras de grama e concreto, para que os halos possam começar a crescer outra vez sobre as cabeças das pessoas. Essa espécie de modernismo deixou marcas profundas nas nossas vidas. (Berman, 2007, p. 200).

Esses aspectos da fundação da cidade de Campo Grande vão tecendo características das relações entre seus habitantes à medida que forjam condutas e comportamentos que os homens devem desempenhar. Diante do exposto, vislumbra-se a forte influência do Código de Postura no modo como valores e subjetividades foram forjados a fim de que os habitantes de Campo Grande fossem tidos como mais “civilizados” e “urbanizados”, tal qual os grandes centros que foram tomados de referência na organização da cidade naquele momento.

2.2 O ESPAÇO URBANO E SUAS ZONAS DE CONTATO COM AS MASCULINIDADES CAMPO-GRANDESES

Abarcar os estudos da/na fronteira do urbano, contemplando a cidade a partir de suas tensões e negociações, permite-nos compreender as diferenças a partir das “zonas de contato” (COSTA; ÁVILA, 2005, p.695). Trata-se de enredar a experiência da vida cotidiana, com aspectos da memória e das políticas de desejo, a partir das dinâmicas no interior da cidade – essa entendida como um espaço geográfica e socialmente localizado que permite configurações particulares (PERLONGHER, 1987).

É necessário desvelar particularidades da cidade de Campo Grande, a partir dos conflitos, tensões e divergências presentes no cotidiano da urbe. Esse fortemente marcado por um *ethos* agro (ATTIANESI; PASSAMANI, 2018). Isso nos permite compreender a dinâmica da vida social, sem perder de vista as produções subjetivas.

Campo Grande tem sua dinâmica marcada pela interrelação entre o rural e urbano, tão exposto na rotina das pessoas que habitam a cidade – não por acaso é apelidada de Cidade Morena, devido a cor avermelhada de sua terra. Quando comparada às capitais metropolitanas do eixo sudeste-sul, a capital sul-mato-grossense apresenta características socioculturais que a aproxima de cidades ditas interioranas - é uma das capitais brasileiras com um menor número de habitantes e, além disso, com uma conformação cultural bastante singular quando comparada aos grandes centros urbanos. Em estimativa de 2021, divulgada pelo IBGE, a capital, conta com o número de 916.001 habitantes.

No que diz respeito à cultura sertaneja, que é constituída tanto por sua conformação populacional (indígenas, negros e sulistas) quanto pelas

especificidades de seu clima, flora e fauna (com destaque para a região do Pantanal), somado ao capital econômico-político do agronegócio, observa-se a sustentação de elementos que viabilizam uma estética de homem como pertencente às fazendas, ao campo e, por consequência, à agropecuária e à agricultura: uso de botas, calças jeans, camisas quadriculadas associadas aos peões de rodeio, cintos de couro com grandes fivelas, boné, etc (LUCCA, 2019). Tal configuração torna-se visível não apenas no estilo musical predominante (sertanejo), e no uso de determinadas vestimentas (com o predomínio do jeans, camisas quadriculadas e bonés), mas, sobretudo, em um imaginário social que valoriza as relações patriarcais e a naturalização da violência. Não por acaso valores como o bruto, rústico e sistemático, que ecoam da influência da cultura gaúcha na região, naturalizam as atitudes ríspidas, rude, e pouco flexível associada aos homens da região (LUCCA, 2019).

Com relação à diversidade étnico-racial e cultural da região, conta-se com a presença de indígenas, população negra e imigrantes de diferentes nacionalidades (haitianos, japoneses, sírios, paraguaios, dentre outros) e que tornam a capital um caldeirão cultural. Nesses termos alguns símbolos atrelados ao “jeito de ser sul-matogrossense” como o consumo da erva de tereré e o gosto pela sopa paraguaia (bolo de influência paraguaia) e a chipa (espécie de pão de queijo de origem paraguaia à base de mandioca e milho), são reveladores de uma região multicultural, e que ao mesmo tempo o imaginário social tenta apagar a qualquer custo renegando suas heranças indígena e paraguaia.

Vale dizer que a ideia de interioridade resguarda alguns entraves, que parecem limitar a compreensão dos espaços e reforçar compreensões estigmatizantes. Bruno Domingues e Fabiano Gontijo (2021) têm contribuições para pensar o conceito de interior.

Os autores informam que o termo interior pode estar associado a estratégias de exploração, colonização e ocupação de um determinado território. A partir disso, o interior se transforma no lugar do outro, sendo nomeado por um ponto de referência, tido como centro “moderno”, enquanto o interior se reveste de atraso e conservadorismo, criando-se um estigma sobre as cidades e os seus habitantes, o que engendra dicotomias e aloca o interior na periferia, fomentando a dominação dos grandes centros urbanos, que passam a ocupar um *status quo* de civilidade (como os eixos metropolitanos do sul e do sudeste do país).

É importante dizer que não é meu interesse endossar qualquer noção estigmatizante sobre a cidade e a região. Ao contrário, ao aludir às especificidades da capital em comparação a outros contextos, desejo chamar a atenção exclusivamente para suas singularidades e especificidades. Sua constituição histórica, sua formação demográfica, a importância e centralidade de determinados valores, dão conta de dinâmicas culturais específicas. Nesse sentido, não nos serve a dicotomia interior/urbano como se fossem sinônimos de “natureza” versus “cultura”. Tal clivagem é reveladora tão somente de uma perspectiva colonial em que há “a representação da natureza como lugar da rusticidade, do incultivado, do selvagem, do obscuro e do feio” (CARVALHO, 2001, p.66). É preciso romper com uma estrutura histórica de dominação que produz o subalterno (interior), estigmatizando-o como não evoluído, atrasado e conservador.

Isso posto, o fato é que, conforme exposto anteriormente, as nuances socioculturais da região tornam o estudo nas barbearias singular, devido a interrelação entre urbano e rural, além dos demais emaranhados de significações, que esbarram, principalmente, na disposição dos modos de trabalho no estado, que, em sua maioria, vão ao encontro da agropecuária e da agricultura e, também, da cultura sertaneja, da centralidade da religião e demais elementos regionais que permitem certa configuração e não outra. Trata-se de captar as dinâmicas relacionais próprias de cada contexto e que se interpõem na coletividade.

Daniel Attianesi e Guilherme Passamani (2018), bem como Paulo Queiroz (2005), explicam que Mato Grosso do Sul começa a ganhar cariz nos períodos de 1930-1945, quando o movimento de divisão do estado do Mato Grosso começa a se organizar, principalmente pela elite sul-mato-grossense, que reivindica Campo Grande para capital do novo estado enfatizando essa importância com a construção da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, o que reflete pressões políticas e conflito armado.

Concebeu-se, em meio aos conflitos a Liga Sul-Mato-Grossense, um coletivo protagonizado pela elite da região sul do estado que influenciou o ideal de urbanidade e modernidade local. Isso porque o grupo defendia a divisão, conforme Carlos Amarilha (2005, p. 67), em duas vertentes: a primeira “voltada para o progresso e para desenvolvimento” e, em um segundo momento,

[...] os divisionistas elegem a cidade de Campo Grande como lugar por excelência da modernidade, numa projeção otimista e frequentemente acrítica. Campo Grande é concebida como fulcro irradiador de um novo modo de civilização, em uma série de metáforas que acrescenta novos tropos às substâncias interativas da imaginação letrada regional. Assim, Campo Grande passa a ser a cidade do progresso, protótipo da civilização e do desenvolvimento. Por isso, Campo Grande, segundo os divisionistas, apresentava todos os requisitos para ser uma capital (AMARILHA, 2005, p. 85).

Inicia-se, a partir deste marco histórico, um processo de modernização com a criação da nova capital e do novo estado, de forma que Campo Grande seria a capital do futuro, vista como

(...) centro iniciador e controlador da vida econômica, política e cultura que atraiu as localidades mais remotas do mundo para dentro de sua órbita e interligou as diversas áreas, os diversos povos e as diversas atividades num universo” (WIRTH, 1967, p. 89 apud ATTIANESI e PASSAMANI, 2018, p. 61).

Attianesi e Passamani (2018) sustentam que foi com o resultado da divisão do estado sul-mato-grossense, junto à criação e eleição de Campo Grande como capital do estado, que se inicia um distanciamento entre o rural e o urbano, acentuado nas décadas de 1960 e 1970.

Gianfranco Pasquino (2000) observa que modernização, neste contexto, é compreendida como

[...] processos de transformações profundas e frequentemente rápidas tiveram repercussões imediatas no sistema internacional e foram exportadas pelos europeus para toda a parte, mesmo que só vingassem lenta e parcialmente. É essa a razão por que o processo global foi designado com o nome de europeização, ocidentalização ou, enfim, com o termo mais abrangente e menos etnocêntrico de Modernização. (PASQUINO, 2000, p. 768)

O autor explica ainda que a modernização implica “uma rápida, mais segura e mais ampla aquisição de conhecimentos indispensáveis” (PASQUINO, 2000, p. 774). Entende-se, nesse sentido, que ela promove celeridade e, naquele contexto, estava atrelado à necessidade de mecanização demandada pelo setor agrícola. Ademais, a modernização propicia uma alteração qualitativa dos sujeitos, a saber, um

[...] tipo metropolitano de individualidade que consiste na intensificação dos estímulos nervosos [...] O ritmo e a multiplicidade da vida econômica, ocupacional e social, a cidade faz um contraste profundo com a vida de cidade pequena e a vida rural no que se refere aos fundamentos sensoriais da vida psíquica. (SIMMEL, 1973, p. 12)

Essas contribuições acerca do distanciamento entre rural e urbano posto por Attianesi e Passamani (2018) é fundamental para pensarmos o

engendramento de características ditas “modernas” e “urbanas” na conduta dos habitantes de Campo Grande. Contudo, vale dizer que esse marco histórico não define, necessariamente, um conservadorismo interior e rural, dito de forma genérica e naturalizada – como busquei explicitar anteriormente.

Fabiano Gontijo (2015) discute que atribuir o discurso do conservadorismo ao interior, inflexibiliza a visualização e visibilização de outras experiências e expressões da diversidade sexual e de gênero em contextos para além dos grandes centros urbanos, pois estigmatiza condutas e formas de pensamento no âmago do movimento das relações, isto porque

os povos e grupos que no curso da história ocuparam um território interiorano majoritariamente rural não mais se relacionam com os centros urbanos apenas como outsiders, mas como parte que constrói também as expressões do ser-estar e viver-fazer o urbano, onde os elementos da ruralidade e da etnicidade se apresentam sempre como partes constituintes das cidades, o confronto das comunidades com o centro urbano, portanto, produz as cidades (DOMINGUES e GONTIJO, 2021).

De todo modo, a interrelação rural e urbano tão presente no estado de Mato Grosso do Sul, assim como na cidade de Campo Grande, foi organizada a partir de tensões e conflitos impulsionados pela ordem econômica, em específico, pelo capital político-ideológico de um grupo restrito que visava, na divisão do estado de Mato Grosso, um acúmulo de riquezas e, por consequência, a segregação da sociedade que, conforme Robert Park (1967, p. 61), “(...) fazem da cidade um mosaico de pequenos mundos que se tocam, mas não se interpenetram (...) tende a complicar as relações sociais e a produzir tipos individuais novos e divergentes.”

Vale expor as contribuições de Michael Apple (2000), ao explicar que lutas e conflitos culturais assumem papel de destaque no cenário social, pois organizam fenômenos complexos e contraditórios, que são cruciais nos determinismos hegemônicos. Ele aponta o reconhecimento da esfera cultural implicando a força do capitalismo, que é determinante nas relações e engendra poderes de classe social.

É nesse contexto que se evidencia a influência do processo de urbanização junto ao capital político-ideológico do agro, que resguarda na aparência o acúmulo histórico das dissidências efetivadas no espaço geográfico campo-grandense, revelando a polissemia em torno dos sujeitos que ali vivem, coabitam e desfrutam de suas identidades e subjetividades.

Circunscrever a realidade campo-grandense, neste estudo, é observar estas tensões relacionais, que concebem a cidade e o estado em questão, que emergem não só para atender demandas específicas, mas, também, de propiciar “urbanização” e “modernidade” aos cidadãos campo-grandenses e sul-mato-grossenses.

Vale expor que o ideal progressista-moderno é balizado na história de Campo Grande por grupos específicos, que exercem seu poder desde das primeiras ferrovias e do Código de Postura de 1905, que já traz fragmentos de comportamentos e condutas morais. À medida que se desenvolve economicamente, cria-se no imaginário populacional condutas morais, que vão sendo circunscritas no aparato normativo a fim de conservar hábitos e costumes tidos como “civilizados”.

Conforme contribuições de Domingues e Gontijo (2021), tem-se que o conservadorismo no Brasil é postulado como proveniente das culturas ocidentais colonialistas, brancas, cristãs, heteronormativas, pois elas ocupam o topo das estruturas de dominação global.

Na realidade campo-grandense, conforme vimos, este pressuposto não é diferente. A influência de Corumbá no advento do Código de Posturas em conjunto à influência de grandes centros comerciais na capital do Mato Grosso, como, por exemplo, Buenos Aires, Rio de Janeiro e São Paulo traz fragmentos da realidade que dialogam com as estruturas de dominação ocidentais colonialistas, que se baseiam na hierarquização racial, na supervalorização da moralidade cristã, na naturalização da heteronormatividade e na dominação masculina.

Constituídos por esses elementos, os habitantes de Campo Grande criam seu conservadorismo e os tornam marcadamente representativos em sua cultura, permitindo que discursividades dominantes passem a ocupar o espaço das relações sociais e ditar regras e normas que afetam corpos e sexualidades. Portanto, contemplo as contribuições de Domingues e Gontijo (2021, p.74), considerando que

é preciso lançar um olhar para as regiões e suas múltiplas áreas de forma situada, buscando verificar, a partir das configurações históricas da ocupação dos territórios e da construção das territorialidades, como se dá a experiência urbana e suas relações com as moralidades e formas de conservadorismo em vigor ou com a dinâmica do próprio sistema-mundo

É visto ainda hoje na cena política de Campo Grande a influência de famílias tradicionais da cidade e região, e que se tornam perceptíveis nos meios de comunicação e em épocas eleitorais. Existe um poder que é detido e restrito a determinados grupos, que exercem seu domínio através da posse de instituições como escolas, faculdades, igrejas e bares. Ao passo que, em contrafluxo, existem locais de resistência, que emergem como ruptura e agregam sujeitos que se distanciam da dinâmica (im)posta pelo capital político-ideológico do agronegócio, exercendo seu poder de maneira distinta.

No âmbito do lazer depara-se com expressões de virilidade frequentes, que surgem para ratificar o comportamento masculino que remete a violência e ao excesso. As performances ganham cariz em diversos contextos, seja entre masculinidades hegemônicas e subalternas, entre homens e mulheres, ou, em demonstrações de poder e que se revelam exibições de caminhonetes em frente de bares e lanchonetes, e também nos altos índices de violência no trânsito (BECKER, OLIVEIRA, CAMPOS, 2016).

A aparência, o corpo e a estética emergem com elementos simbólicos nestes espaços. Ao se analisar o comportamento dos homens mais abastados e que dispõem de uma aparência que remeta ao agro em restaurantes e bares, depara-se com sujeitos que exercem seu poderio a fim de que sejam servidos de acordo com seus interesses e conveniências.

Tais representações sociais inspiram discursos e práticas hierarquizadas, que são oriundas de demarcações históricas e político-ideológicas, que instituem comportamentos privados e públicos, dialogando com a hegemonia do capital agro e, por consequência, com o conservadorismo local.

Essas características, pertencentes a essa identidade cultural local, possibilitam uma estruturação subjetiva específica. Tal colocação vai ao encontro do exposto por Taylor (1950, p. 134), que, ao trabalhar memória e cultura, expõe que “Os corpos que participam da transmissão de conhecimento e memória são, eles mesmos, o produto de determinados sistemas taxonômicos, disciplinares e mnemônicos”.

O pertencimento cultural atravessa a constituição subjetiva por intermédio do processo de incorporação, que ocorre através do corpo, pois,

conforme Taylor (1950, p. 134) “o corpo é mapeado por práticas culturais de identidade individual e coletiva racializadas e marcadas pelo gênero”

Diante do exposto, é visto que a conflagração urbano e rural, guiada pelo capital político-ideológico do agro, conduzido pela cultura sertaneja e pautada no conservadorismo moral, produz ferramentas de análise únicas, que resguardam na objetividade campo-grandense elementos de uma divisão conflituosa do estado sul-mato-grossense que dialoga com atributos do que é ser homem na realidade local.

2.3 COM QUANTOS “CUIDADOS” SE FAZ UM HOMEM?

Sentado à mesa lateral externa, enquanto tomo um café amargo que me foi oferecido na barbearia, observo, de um lado, o fluxo da principal avenida do Avaré⁹, percebendo o contraste de um movimento que remete aos grandes centros, com buzinas, aceleração e pressa, ao passo que observo moradores calmos e tranquilos em frente de suas residências, tomando tereré¹⁰.

De outro lado, vejo a barbearia que escolhi para desenvolver esta pesquisa, que, em meio às decorações que remetem ao *Metal* e ao *Rock*, homens se sentam do lado externo para fumar, beber e conversar sobre o cotidiano. O jogo dialético de um processo de urbanização que foi calcado na ruralidade se contrasta com uma masculinidade urbanizada.

Naquele momento, percebi que investigar aquele espaço me proporcionaria uma experiência única: desvelar, por meio de relações tão opostas, os afetos e cumplicidades que homens traçam em uma lógica de cuidado à estética e ao corpo. Tratava-se de abarcar o movimento relacional de construção de uma urbanidade dita “interiorana” ao passo que observava homens que rechaçavam esses padrões por serem “homens da capital”.

⁹ Tratando-se de um nome fictício optei por Avaré para contemplar a cultura indígena presente no estado de Mato Grosso do Sul. A palavra é a designação que os índios brasileiros davam ao padre missionário, reconhecendo-o como homem distinto, diferente dos outros, um “missionário”. Pode ser interpretada como “pessoa amiga de roupa preta”. Dado o contexto do bairro etnografado, bem como das pessoas que ali transitam, penso que Avaré seja representativo à medida que os homens da barbearia são “missionários” e, também, “pessoas amigas de roupa preta”.

¹⁰ Tereré é uma bebida típica do estado de Mato Grosso do Sul feita com infusão de erva-mate em água fria com ervas medicinais, sua origem é dos povos guaranis, tanto Nhandévas quanto Kaiwoás. Em 2020, o tereré foi declarado pela UNESCO como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade.

Para o desenvolvimento da presente pesquisa escolhi uma barbearia localizada no bairro que dispunha de características únicas: é uma região afastada do centro da cidade e que investe no comércio próprio. O Avaré é próximo à Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) e possui comércios para atender às demandas da Universidade, bem como do Hospital Regional de Mato Grosso do Sul, que está próximo à região.

O território tem proximidade com o Córrego Segredo, que corta a cidade, de um extremo a outro. No bairro existem duas principais avenidas: Ernesto Geisel, que margeia o Avaré na parte inferior e próximo ao Córrego, e a Manoel da Costa Lima, que liga o bairro da região da UFMS ao trevo Imbirussu. Sua localização é peculiar em relação às demais regiões, pois ali o fluxo de moradores é alto, devido as grandes avenidas, criando um fluxo que resguarda tanto a cultura das regiões periféricas quanto do centro.

No que diz respeito ao abastecimento, é visto que os moradores, em grande parte, são atendidos pelo comércio local, tanto nos produtos do mercado, quanto na construção civil, nas utilidades domésticas, nas práticas esportivas e nos serviços relativos a estética e a saúde.

Essa especificidade implica os comércios e varejos locais terem uma estrutura que comporta muitos clientes. E, para além disso, percebe-se uma aproximação afetiva-regional¹¹, que se distancia da lógica vendedor-consumidor, permitindo aos sujeitos que passam por ali a criação de um tecido afetivo que transcende o mecanismo frio e distante que os grandes comércios praticam, criando nas pessoas uma sensação de pertencimento.

O bairro Avaré sintetiza muito bem a realidade campo-grandense, visto que ele se organiza em torno do comércio, que é predominantemente agropecuário na região, ao passo que conserva costumes e hábitos de proximidade entre seus habitantes. A exemplo disso, vê-se pessoas fazendo uso da bebida típica do Mato Grosso do Sul, o tereré, em frente as suas residências, além de ser comum ver crianças e adolescentes brincando nas ruas.

¹¹ Pensando que o bairro Avaré, bem como a barbearia e as pessoas que fizeram parte da pesquisa tensionam e engendram um modo específico de afeto e esse, por sua vez, cria sentimentos que são coletivos, mas tecidos na história singular daqueles que se permitem à experiência que o local oferta.

É possível visualizar a influência do mercado, do fluxo de pessoas e sua interrelação no comportamento dos habitantes, que se organizam para manter o comércio local através de um estilo de organização gregária. Então, em um sentido microrregional, o Avaré alavanca seus potenciais econômicos-ideológicos, à medida que utiliza das afinidades para manutenção do vínculo cliente-amigo.

A especificidade afetivo-regional possibilita desdobramentos únicos nas relações comerciais e na vinculação dos interlocutores. Enquanto frequentei o bairro, pude notar que os comerciantes locais não apenas se ajudavam quando precisavam de algo, mas conheciam-se, o que motivava, por exemplo, que eles saíssem de suas lojas, em meio ao expediente, para perguntar de familiares ou de outras atividades que não eram, necessariamente, sobre o trabalho.

Ocorre que a interrelação urbano-rural, evidente na história campo-grandense, deixando suas marcas até o presente, cria uma identidade que se aproxima do que Fabiano Gontijo e Igor Erick (2015, p.31) cunham de identidade interiorana. Os autores expõem que isto representaria “[...] um espaço-tempo que transita entre ruralidade e urbanidade, confundido pela dinâmica da etnicidade”. Complementarmente, Domingues e Gontijo (2021, p.76) trazem que esses aspectos operam simultaneamente à urbanidade. Eles definem:

Interioridade seria a identidade que as pessoas situadas no interior carregam consigo em suas diásporas múltiplas, para além dos tempos físicos e dos espaços materiais [...] É possível, assim, encontrar interioridade mesmo nas metrópoles e grandes cidades: ao se refletir sobre as dinâmicas de pequenos bairros que foram construídos a partir de antigas unidades rurais ou feiras livres, pode-se verificar a interioridade em formas de socialidades que são categorizadas no cotidiano

Observando essas contribuições, ressalto que quando cito interior, ou, até afetos interioranos, parto da dinâmica relacional que opera por meio de conflitos, contemplando especificidades que vão para além dos estereótipos e das imagens cristalizadas sobre o interior. O “jeitinho” interiorano na conformação da urbanidade pertence às dinâmicas dos espaços de sociabilidade e nas formas de experimentar a diversidade em meio a diversas possibilidades. Sobre o posicionamento, Domingues e Gontijo (2021, p. 77) informam que

as diferentes formas de produzir sentido, ao se chocarem com outras ditas urbanas, continuam a produzir a cidade, mas sem ignorar as relações anteriores, se difundem a partir do cotidiano e rompem as

barreiras temporais, ao manifestar relações de interioridade nas relações sociais, nos empreendimentos estabelecidos, na paisagem, na estética urbana e de muitas outras maneiras

Isso posto, quero organizar a ideia de que os afetos interioranos, no que diz respeito aos modos de relação dos interlocutores, são onipresentes na região do Avaré. Essas impressões sobre a o bairro foram me afetando à medida que adentrei nas relações cotidianas da *Barbearia Don Pablo*.

Em horários de pico, os carros e motos fazem fila em frente à barbearia, que fica na principal avenida do bairro. Assim, ao final da tarde, o espaço costuma ser evidenciado, atraindo mais público. Devido ao posicionamento da *Barbearia Don Pablo*, minha experiência permitiu um aprofundamento das relações que estão postas no centro do comércio local, criando maior sensação de familiaridade com os frequentadores.

Observando a avenida em horários de fluxo é comum o contraste de moradores e comerciantes locais sentados em frente as suas residências e/ou comércios. Muitos dos comerciantes residem no próprio local de trabalho, morando nos fundos. Cria-se uma intimidade desses com o espaço de trabalho, o que aproxima os sujeitos que se deslocam até a região para consumir ou adquirir algum produto.

Os comerciantes que não moram na região do Avaré, situam-se em bairros vizinhos, o que aumenta o vínculo afetivo e concebe um ambiente acolhedor aqueles que são novos. Minha entrada em campo veio permeada por esses afetos e, assim, pude verificar e sentir as tensões dos laços que são criados nesse bairro. É comum a troca de serviços e produtos entre os comerciantes, o que permite que suas relações ultrapassem a lógica dos grandes centros e se aproximem intimamente.

Desde a primeira vez que fui à barbearia notei que houve alterações significativas no espaço. E, ao me implicar na pesquisa, notei que a barbearia se desenvolveu, adaptando-se às tensões dos relacionamentos ali tecidos, ajustando-se, também, aos atravessamentos advindos da pandemia do coronavírus. Aliás, vejo que, com a pandemia, os funcionários e donos do estabelecimento uniram-se mais na intenção de cuidar uns dos outros. Não fugindo às medidas de biossegurança, eles trocavam informações sobre os

sintomas e testagens uns dos outros, a fim de desvelar a dinâmica do contágio e decidir coletivamente sobre a abertura dos comércios.

Retornando à barbearia, exponho que houve mudança na estrutura dos funcionários, na disposição dos móveis e nas delimitações das funções que cada um deveria desempenhar ao longo da minha investigação. Essas alterações tiveram motivos econômicos e relacionais, mas foram, sobretudo, agravados pela pandemia, que assolou não só o funcionamento da barbearia, mas toda a dinâmica da cidade – assim como do país como um todo.

Para discorrer sobre esses desdobramentos, que são organizados através de uma dinâmica relacional, torna-se necessário apresentar duas figuras centrais no desenvolvimento da pesquisa, que são Pablo e Giovani. Ambos são proprietários do espaço, mas, para além disso, em seus termos, são “parceiros”.

A dupla tem uma história que precede à barbearia, o que torna ela um espaço que não se restringe aos serviços estéticos, mas sim a síntese de uma parceria estabelecida entre os dois, o que, para eles, justifica o emprego do termo “parceiros”. Ocorre que Pablo e Giovani são amigos desde a infância. De acordo com seus relatos, tiveram oportunidade de experienciar as fases da adolescência juntos e, no percurso da vida adulta, distanciaram-se pelos afazeres, até que se reencontram novamente.

Considerando essa relação, é preciso expor que ambos são formados por um conjunto de eventos e situações, que são expressas na prática profissional e no seu modo de ser homem e, na barbearia, esta performance vem através da amizade entre os dois personagens. São eles que admitem ou demitem novos barbeiros, bem como estilizam para a barbearia um determinado modelo de masculinidade através do estabelecimento de um tipo ideal de clientela.

À medida que fui dialogando com os personagens da barbearia, principalmente os barbeiros, percebi que eles tinham uma admiração significativa pela dupla. Esse encanto se dava por diversos motivos. Observei alguns que foram se atravessando nas narrativas dos interlocutores: 1) o fato da dupla formar uma parceria que culminou na barbearia, logo, eles ocupam a posição de dono do espaço; 2) ambos têm atributos que remetiam a um poder-econômico-ideológico hegemônico, tais como motocicletas do modelo *custom* (fetichizadas entre os barbeiros) e vestimentas que remetiam ao estilo *Rock And*

Roll, como botas, óculos, calças, brincos, piercings e tatuagens; e 3) ambos costumam vangloriar comportamentos de riscos, tais como pilotar bêbados, cair de motocicleta e “seguir viagem”, realizar manobras e/ou alcançar velocidades que coloquem a vida em risco.

A partir desses atributos, percebi que tanto Pablo quanto Giovanni ocupavam a “antecâmara da casa dos homens” (WELZER-LANG, 2001, p.463), pois serviam de modelo masculino, sendo encarregados de transmitir valores e condutas que um barbeiro de sucesso deveria ter.

Giovani é uma figura emblemática, que engendrava na barbearia um ar bastante particular, permeado de uma rispidez. Em momentos que precisava instruir os barbeiros a fazer algo na barbearia não dispunha de muitas palavras. Ao invés de explicar, Giovanni preferia apontar para o objeto que deveria ser manipulado e ficar em silêncio, aguardando que a decisão mais sensata, do seu ponto de vista, fosse tomada. Quando isso não acontecia vinha o silêncio e uma expressão de rosto que remete ao desdém. Isso remete à pesquisa de Denise Jardim com homens de camadas populares da cidade de Porto Alegre. De acordo com a pesquisadora,

[...] a relação entre homens é sobretudo uma experiência performática. É necessário saber se impor, controlar o malandro só no olho, saber reconhecer o caloteiro [...] e para isto é necessário controlar uma série de indícios sobre “os outros” que [...] somente a experiência de vida confere [...]. (JARDIM, 2001, p. 192).

Certa vez Giovanni contou que passou sua infância indo com frequência na chácara de seus avós e agora, na vida adulta, passava alguns finais de semana no “interior” da cidade, na chácara de sua mãe. Ele narra que gosta de ir até o local para “ficar em paz” e em silêncio, pois ali conseguia se distanciar da “grande movimentação” da cidade.

À medida que o interlocutor traz esses aspectos da chácara e do “interior” da cidade, percebi que este comportamento de não dizer ou até não lidar com a instrução advinha de uma “práxis interiorana”, visto que Giovanni narrou sobre o trabalho braçal que desempenha na barbearia e como esse é permeado por pouca instrução, pois é constituído de algo prático, dispensando, de certa forma, algum tipo de orientação.

Esse comportamento, em conjunto à história de relação do Giovanni com o interior, me fez lembrar que as formas de produzir a cidade estão a todo

momento vinculadas às formas de se viver em comunidade e de se experimentar a etnicidade, o que ocorre através do jogo dialético entre interior/urbano/eticidade que forma a cidade e a experiência urbana, constituindo as relações (DOMINGUES e GONTIJO, 2021).

Essa forma de silenciamento e tratativa das orientações pode estar ligada ao que Domingues e Gontijo (2021, p.78) denominam “discursos e imagens cristalizadas” que estão “atreladas a aspectos da dominação mais ampla, seja do centro em relação à periferia, seja da metrópole em relação ao interior”. Isso porque, através desse silenciamento e da expressão de desdém, Giovani conseguia se impor aos barbeiros e compor um lugar na hierarquização viril do espaço, confirmando sua ocupação na antecâmara a partir de uma noção de homem descolado.

De todo modo, para os barbeiros, esse comportamento do Giovani era lido como razoável e, inclusive, quando ele não surtia efeito, os próprios colegas retaliavam-se, pois não haviam prestado a atenção direito em alguma questão na barbearia, o que evidencia o efeito do silenciamento como forma de linguagem-comunicação expressa por Giovani. Isso demonstra que em meio aos silenciamentos os homens se estabelecem e ditam regras hegemônicas de comportamento, similar ao exposto nas contribuições da Zannello (2018) ao citar Kimmel (2008) explicando que a cumplicidade entre os homens ocorre através de um silenciamento.

É curioso que, conforme Giovani reproduzia a ação de apenas apontar para os objetos, os barbeiros moviam-se em direção ao seu apontamento para sanar, dirimir ou alcançar aquilo que Giovani indicava. O deslocamento entre eles era repentino e, depois de algumas investidas nessa forma de silenciamento, os demais personagens não perguntavam mais sobre o que era, apenas exerciam a sua capacidade de decifrar.

Essa expressão de conduta entre os barbeiros demonstra que a ideia do silêncio não apenas como constrangimento ou imposição mas como linguagem era algo do repertório dos barbeiros, o que implica em uma dinâmica que resguarda o constructo de uma masculinidade em relação de contínua afirmação e aprendizagem. De acordo com Jardim (2001),

Essas performances masculinas são rotinizadas e portanto são mais do que o espaço de interação social e sim de estruturação de uma experiência que estabelece o nexu entre o físico e o social. Essas

performances esperadas eram melhor percebidas em situações tais como: o domínio sobre a ingestão de bebidas alcóolicas, a capacidade de controlar o espaço físico do bar e os seus interlocutores e produzir sua própria imagem pública ou de seu ofício, colocando-se recorrentemente como trabalhador ou provedor de uma família em contraposição ao malandro e ao vagabundo. (JARDIM, 2001, p. 192).

Houve dois momentos que os barbeiros puderam antecipar o que Giovani apontava: 1) quando um dos barbeiros não sabia onde acendia uma das luzes próxima ao balcão do caixa; e 2) quando um dos barbeiros não sabia onde estava sua toalha, que é seu material de trabalho quando vão fazer a barba.

Em um desses momentos Giovani exclamou: “Finalmente! Vocês trabalham aqui há tanto tempo e não sabem onde ficam as coisas? Eu preciso dizer?”. O incômodo do barbeiro emergia através de um aparente ressentimento, que pressupunha que os materiais de serviço e a execução dos serviços da barbearia estavam sob sua responsabilidade, quando deveriam ser assumidos em pé de igualdade pelos outros “homens da casa”.

Ao explorar mais esses comportamentos de silenciamento motivados por Giovani, a linguagem implícita que se evidenciava entre os barbeiros era: “vocês são homens e barbeiros como eu, logo, antes de me perguntar como executar as funções ou onde estão os materiais, vocês precisam analisar o território e buscar por si mesmos, pois é esperado que vocês saibam.”

É como se tivesse uma obviedade por trás da organização da barbearia e da disposição dos materiais e ferramentas que àqueles que adentravam ao espaço precisavam saber ou, então, não eram tidos como profissionais o suficiente (ou poderíamos pensar, homens o suficiente?) e poderiam ser motivo de chacota.

Nos atributos físicos e estilísticos, Giovani é um homem de altura média-baixa, magro, mantém seu cabelo raspado na máquina, no estilo militar e o comprimento de sua barba varia entre médio e longo. É um homem branco, com características que remetem à miscigenação indígena/negra. Ele usa óculos, geralmente está calçando um tênis *All Star* e uma calça que costuma ficar caída, beirando metade das suas nádegas. Apesar de, aparentemente, ser algo desconfortável, uma vez que a função de barbeiro exige a manipulação com as mãos, Giovani não se importa de ter que parar seu serviço para subir suas calças.

Acrescente isso a um cigarro eletrônico nas mãos no intervalo dos cortes. Giovani largou os cigarros de papel assim que sua filha nasceu, conforme me relatou em uma de nossas conversas. Ele é pai de uma garota de 14 anos, que estuda em uma escola municipal, em um bairro distante do local de trabalho.

Em meio aos intervalos da Barbearia, Giovani conta que a notícia de sua filha veio em um momento conturbado de sua vida: à época ele estava longe de sua mãe, que morava em outra cidade e fazia uso constante de cocaína, álcool e maconha.

Ele revela que foi com a notícia de que iria ter uma filha que conseguiu diminuir o uso das substâncias e procurar outras atividades, alterando a dinâmica de sua vida. Para ele esse momento da sua vida foi de rupturas e, em meio dessas quebras, Pablo, seu amigo de infância, também ficou no passado. Com relação a esse aspecto, Jardim nos chama a atenção:

Apesar de ser difícil precisar [...] as fases da vida de um homem, um indício interessante é a irreversibilidade da posição social de um homem a partir da condição de pai, mesmo com a constante definição destes homens como sozinhos (JARDIM, 2001, p. 193).

Giovani, apesar de ser uma figura central na barbearia, era impelido a fazer longos distanciamentos do seu local de trabalho. Ocorre que, segundo ele, sofre com a Hérnia de Disco e já teve episódios de, praticamente, ficar paralisado por conta da dor.

Em meio aos distanciamentos, ele frequentava a barbearia a fim de supervisionar os demais barbeiros. Nesses momentos, Giovani demonstrava-se mais livre para conversar e, em uma das vezes, relatou-me que era viúvo de um outro casamento e que nesse não constituiu filhos.

Ao falar dos últimos momentos de vida da sua ex-esposa informou que ela tinha hipertensão pulmonar e que próximo do final a doença já havia atacado órgãos como o coração, o fígado e o rim. Revelou como era difícil para ele exercer o cuidado nos últimos anos de vida, pois tinha de dar banho em sua falecida esposa e a levar de cadeira de rodas até os lugares.

Em momentos que o assunto vinha à tona, o barbeiro se atinha sobre o exercício do seu cuidado para com sua ex-esposa, mas falava pouco sobre o sofrimento dela nos últimos dias ou de características que o levou a constituir o relacionamento ou a se manter nesse. Nas palavras do barbeiro, era difícil captar o que agia pela manutenção dessa relação.

Ao que parece, Giovani não conseguia exprimir como o exercício do cuidado alterou sua vida. E, para além disso, também não exprimia quais as motivações de assumir a posição de quem cuida, sendo que esse era difícil e, em suas palavras, sem apoio.

Em um dos momentos, Giovani revelou que só foi possível ser parceiro de negócios na barbearia e ter sua casa própria porque dedicou parte da sua vida a cuidar da ex-esposa, que proporcionou retornos financeiros a ele, possibilitando, inclusive, que comprasse sua motocicleta *custom*.

Ele ainda explica que essa relação lhe permitiu sair da casa da mãe, a qual retornará depois do último casamento. Também comprou um carro e elevou seu padrão de sua vida. Quando narra esses fatos, bem como a morte de sua ex-esposa, ele não expressa comportamento lastimoso ou enlutado. Observa-se aqui, que “mesmo nas “queixas” masculinas entre homens, há a afirmação positiva de seu papel” (JARDIM, 2001, p. 195).

A posição de exercer cuidado, ou seja, ser responsável por um outro, pode ser interpretada por muitos homens campo-grandenses como algo desprestigiante e distante dos ideais de masculinidade que o modelo político-ideológico do agronegócio imputa.

É visto que o Giovani utiliza do cuidado exercido para com a esposa para constituir um traço de identidade que dialoga com o ideal de homem zeloso e preocupado. Esse traço de personalidade reverbera em outras funções e constitui característica tanto da sua identidade quanto da barbearia, visto que ele lança mão desse conteúdo para escolher quem adentra ao espaço de serviço, como veremos adiante.

Outra figura que ocupa a antecâmara da *Barbearia Don Pablo* é o próprio Pablo. Ele é um homem alto, magro, de barbas longas e um cabelo raspado, que expõe as entradas que ganhou com a idade. É branco e utiliza uma barba de comprimento longo. Aparenta estar na faixa dos 50 anos de idade e costuma estar trajado de jeans, botas e uma camiseta, geralmente escura. É do seu costume usar no bolso da calça jeans uma corrente, que fica pendurada na calça. Possui tatuagens, brincos e pulseiras, que remetem ao estilo do *Rock*.

Pablo é um homem que se destaca entre os outros da barbearia pela sua altura. Suas características físicas destoam dos traços dos homens da região, observada a cor da sua pele, sua altura e os traços de seu rosto. Seu

olhar é intimidador e remete ao apavoramento, sendo rígido e focado. Pode ser lido como um homem frio ou, pelo menos, alguém que se esforça para externalizar essa aparência.

Ele não costuma falar muito, apesar de que sua chegada na barbearia costuma vir recheada de barulho. Pablo utiliza uma motocicleta que tem um som acoplado, o que garante a ele uma chegada estrondosa à barbearia, que é performada sem muita pressa.

Em vários momentos que estive na barbearia, Pablo chegou com sua moto pela calçada, percorrendo cerca de uma quadra, enquanto deixava que o som do motor e de sua música preenchessem o ambiente. Ao chegar na barbearia, ele desce da moto com ela ainda ligada e abre uma faixa de segurança que está no entorno da área externa da barbearia. Entra no local com seu veículo e olha para os lados, procurando sujeitos que notariam sua chegada. Essa performance é exercida de forma lenta e rotineira.

A evidência do seu ruído e sua performance garante a atenção daqueles que estão ao seu redor, e Pablo aparenta sentir-se confortável à medida que chega e guarda sua moto. Ele expressa isso com um sorriso de canto de boca. Nesses momentos de chegada cumprimenta os que estavam do lado externo da barbearia a partir de um aceno com a cabeça. Algo similar ao movimento de assentir.

Esse comportamento me remeteu às contribuições de Miguel Vale de Almeida (1996, p. 34) ao explicar que:

uma boa moto, suscita inveja, respeito e desprezo ao mesmo tempo. Inveja, porque obtém os bens de consumo que são vistos como valorizadores da imagem masculina; respeito, por o seu capital simbólico de masculinidade ser maior e por se reconhecer que de algum modo triunfou porque estrategizou melhor, denotando (na teoria local) qualidades inatas; desprezo, porque ao aceder mais perto do mundo dos ricos, participa da imoralidade que se julga estar na essência da riqueza.

Além de performar atributos de uma masculinidade hegemônica com sua moto, Pablo costuma observar a barbearia, caminhando a passos lentos, olhando de perto os barbeiros. Posiciona-se de forma fria e distante quando o salão está cheio. Contudo, em dias vazios, permite-se sentar do lado externo do salão para conversar e dar algumas risadas.

Por vezes, os diálogos entre os barbeiros traziam complicações da vida cotidiana, tais como a experienciada por Giovani na hérnia de disco ou

inseguranças do cotidiano, que, geralmente, emergiam através de temas como a paternidade ou os preços do mercado. Pablo tem o hábito de fazer chacota das tensões trazidas e, a partir disso, distancia-se, não dando cariz às suas vulnerabilidades.

Pablo não é um sujeito extrovertido. Aparenta estar imerso em sua rigidez e isso fica evidente pelo seu modo de gesticular e caminhar, que são expressos de forma intransigente. Apesar de sua aparência pouco carismática, Pablo mostra-se simpático na presença de seus clientes, que vão à barbearia para cortar apenas com ele. Geralmente são homens que vão com seus filhos.

Na prática, Pablo demonstra ser alguém pouco dado a arroubos sentimentais, o que se expressa em ações muito comedidas e que chegam a parecer indiferença. Ele demonstra certo deleite na performance de sua rigidez. Lembro que, em um dos momentos de descontração, um dos barbeiros dizia como se sentia ao saber que seu filho iria nascer, contando com entusiasmo sua experiência ao assistir o parto. Pablo desdenhou da vivência e exclamou: “isso é cuspir no prato que se come!”, referindo-se a assistir ao parto. Em seguida, levantou-se, pegou seus cigarros e foi para dentro da barbearia.

Não demorou muito para que Pablo voltasse a conversa. Em seu retorno escutou a experiência do Giovanni em relação à paternidade, que partilhou de seu sentimento com o outro barbeiro em relação a assistir o parto. Naquela oportunidade, ele revelou como ser pai era importante para ele.

A partir disso, nos delongamos em uma conversa sobre filhos e cuidado. Esses afetos, em conjunto com as observações de funcionamento da barbearia, fizeram com que eu percebesse que, à medida que os homens criam cumplicidade pela lógica da hegemonia, o cuidado ganha contornos de responsabilidade.

Além disso, percebi que a figura de Pablo e seu comportamento em relação aos funcionários, reitera a ideia de que “homens de verdade” não são dados à intimidade e que precisam se sentir seguros para a manifestação de afetos. Apesar de ser pai, Pablo não se permitiu a partilhar sua experiência sobre o parto e sobre sua mulher durante a gravidez. Para ele, homens não se ocupam dessas questões, que, ao seu entender, é restrita às mulheres.

Contudo, Giovanni e Pablo utilizam da paternidade e do exercício do cuidado para organizar sua função social trabalhista, pois eles têm preferência

de contratar barbeiros que são pais, além de que aprenderam o exercício de barbeiro observando outros homens. Na pesquisa desenvolvida por Jardim (2001), ela também constata que:

Nas versões coletadas direta ou indiretamente (relatos de relatos) sobre as famílias, a paternidade é um marco na vida dos homens, diferenciador de seu status perante os mais moços. Através da posição de pai ou de chefe de família, este diferencial consolida um valor irreversível na trajetória de vida de um homem. Além de um divisor de águas entre os homens (especialmente na dinâmica das conversas nos bares), significava um outro leque de valores esperados e incorporados pelo sujeito referidos a uma posição de respeito que somente o valor família parece concretizar para o sujeito. (JARDIM, 2001, p. 194).

Ou seja: observando como um homem se responsabiliza, no sentido moral, o cuidado com relação a família e a prole torna-se critério de entrada à barbearia. Os barbeiros se encontram nesse ponto em comum para edificar a dinâmica relacional do espaço, ao passo que, diante de um desconforto, a quem aparenta não corresponder a tais expectativas (como no caso dos “manês”).

Lembro que, no momento da narrativa do barbeiro em questão sobre o parto ele contava com ânimo sua experiência acerca da paternidade e da sua escolha em ir observar, para, em suas palavras, “ser companheiro de minha mulher e suportar a dor em conjunto” - isso enquanto estava falando apenas comigo.

Porém, com a chegada de Giovani e Pablo na conversa e, principalmente, com o posicionamento de Pablo em relação ao parto e a assistir o nascimento do filho, o barbeiro reexamina e altera seu posicionamento quando é tolhido por um dos homens que ocupam a antecâmara da barbearia. Giovani, apesar de não abominar a ideia de assistir um parto, não se posicionou ante Pablo, o que revelou sua indisposição em abalar a cumplicidade deles.

Sustento nesse capítulo que é através da observação de conduta de outros homens dentro do salão, bem como a maneira com a qual eles ensinam a profissão, que os personagens forjam para si um modo de relação em que significam a “casa dos homens”.

CAPÍTULO III: CRIANDO ESTILOS, FAZENDO HOMENS

Ao subir a principal avenida do bairro Avaré, passando por um algumas lojas de construção e de móveis, deparo-me com uma fila de carros que estão tentando atravessar uma rotatória, olhando para o lado esquerdo, em meio às buzinas e à pressa dos sujeitos, vejo a *Barbearia Don Pablo*, que se destaca em meio a tons de preto e amarelo.

A barbearia tem uma fachada em tom de amarelo mostarda, com duas bandeiras dispostas em sua frente, que constam a imagem de uma caveira com barbas, que é o slogan da barbearia, seguido pelo nome do local. Ao fundo é possível ver outra bandeira, com imagens semelhantes à primeira.

A primeira impressão é de que aquela barbearia não é do bairro, ou da cidade. Fica no ar a ideia de que é algo posto no entorno daquelas relações. Vejo que essa fachada em meio à avenida e ao fluxo específico do Avaré desperta a curiosidade de homens e mulheres que transitam por ali. Aliás, o que uma barbearia tão distinta faz em meio às lojas de materiais de construção, de pesca e de móveis?

O fato é que ao longo da minha investigação fica claro que a *Barbearia Don Pablo* pertence às relações tecidas na região do Avaré e desempenha sua função através da estilização de homens e meninos que frequentam o local e vão ali em busca de confeccionar a própria aparência – e ao buscarem um cuidado estético na barbearia Don Pablo, forjam para si uma masculinidade.

Mas, afinal, quais metamorfoses são colocadas em cena para estes homens que confiam seu corpo, sua identidade e seu estilo aos barbeiros da Don Pablo? Quais dinâmicas são reiteradas nesta lógica de estilização? E subvertidas? Minha curiosidade, dada a regionalização das subjetividades postas, bem como as características do Giovani e do Pablo, vai sendo respondida à medida que me atento ao modo como ocorrem os jogos de poder e de negociação entre e para os homens.

Ao longo da pesquisa pude notar que a maioria dos frequentadores da barbearia são homens entre trinta e cinco e cinquenta anos de idade. Em sua maioria, são pais e vão acompanhados de seus filhos e/ou esposas. É frequente ver homens divorciados e que estão ali com a sua nova companheira e seu filho. Durante o trabalho de campo muitas mães levaram seus filhos à barbearia,

observei que os garotos estavam acostumados a cortar no local, o que se dava por influência, geralmente, da figura paterna.

Quando os homens vão acompanhado de seus filhos e companheiras geralmente consomem algo na barbearia, disponibilizam salgados e biscoitos aos seus filhos enquanto tomam cerveja. Observei que àqueles que mais consumiam estavam em família. Outro aspecto que merece destaque é a mudança do tipo de conversa entre barbeiros e clientes quando o ambiente é frequentado por mulheres (geralmente mães que levam seus filhos para cortar cabelo).

Na área externa da barbearia, mesas redondas e cadeiras são dispostas acompanhadas de alguns bancos de madeira ao redor. Nas laterais do espaço, outras mesas, mais altas e com bancos mais altos, locais que, geralmente, os barbeiros iam para fumar cigarro em seu momento de descanso.

Ao entrar no estabelecimento, através de uma porta de vidro, depara-se com diversos atrativos, tais como sinuca, pebolim e um jogo de mesa chamado *aero Hockey*. A partir daí é possível visualizar dois *freezers*, com cervejas expostas, em sua maioria importadas. E, ao fundo, uma mesa com um bebedouro e uma cafeteira.

O chão do estabelecimento tem alusão a um tabuleiro de jogo de xadrez, em preto e branco. Ao olhar para as paredes é possível ver muitas referências do *Rock* e do *Metal* como quadros de banda, frases de vocalistas das bandas e muitas fotografias de motocicletas do estilo *Harley Davidson*.

Além desses apetrechos, existem instrumentos musicais que são utilizados como decoração. Em frente a porta de entrada, uma guitarra vermelha e, ao lado dos *freezers*, um violão com cordas de aço. O salão tem semelhança com um galpão: seu telhado é alto e existem estruturas de metal que ligam uma lâmpada a outra; depara-se também com uma bicicleta no estilo *speed* que está suspensa por duas cordas.

À esquerda da entrada estão as cadeiras de barbeiro, que somam um total de cinco. Todas as cadeiras são de metal e forradas com um estofamento preto, mas uma delas possui a cor de ouro. Essa cadeira fica no meio das outras quatro e, em todas minhas visitas a barbearia apenas um sujeito a usava, o Pablo.

As demais cadeiras, que totalizam quatro, são divididas entre os barbeiros, inclusive Giovani, que é o sócio de Pablo. Em frente de cada uma tem um espelho, que é decorado com luzes ao seu redor. Acima das cadeiras existem mangueiras de ar comprimido, que são utilizadas para retirar o cabelo cortado, elas remetem aos modelos que se encontra em caminhões.

O comportamento de respeito à cadeira do Pablo pelos demais barbeiros, bem como sua atitude em relação ao objeto produziu curiosidades em mim. Ocorre que, embora não diretamente, é possível identificar na linguagem cotidiana uma relação metafórica entre a cadeira e o barbeiro que evoca simbolicamente um aspecto importante na configuração das masculinidades: o homem e “suas posses” (MOTTA, 2008).

A cadeira banhada em uma cor que remete a ouro, restrita aos usos de um barbeiro, que denomina, em conjunto com Giovani, o nome da barbearia como *Don Pablo*, remete a um modo de cumplicidade entre os parceiros.

É interessante observar que em *latim* casa era chamada de *domus* e a pessoa principal em um *domus* era tida como *dominus*, que deriva a palavra dominador e domínio. Por este motivo, o substantivo masculino ‘Don’ serve como título honorífico em Portugal, atribuído aos membros da nobreza – ou seja, representa uma titulação conferida por consideração e respeito, que se destina a prestar honra.

Ao longo do desenvolvimento da pesquisa frequentei outras barbearias da cidade, muitas delas carregavam nomes e simbologias que remetiam à monarquia, utilizando-se da terminologia Don, de coroas ou até mesmo do próprio nome monarca.

Contraposto este fenômeno à realidade campo-grandense que utiliza o capital político-ideológico do agro como proveniência das relações (BECKER, OLIVEIRA, CAMPOS, 2016), observa-se um sedimento desse modelo, que é (re)organizado nos estabelecimentos que se propõem a confeccionar masculinidades. No caso de Pablo, a simbologia revestida em seu salão pelas cadeiras denuncia um modelo calcado no domínio do espaço e no “definhamento da empatia” (CONNELL, 2013, p.271). Ao mesmo tempo os símbolos utilizados para a decoração do espaço e o modo como seus proprietários se relacionam com seus carros e motos apontam para a necessidade de afastar-se de um “jeito

interiorano de ser” ao mesmo tempo que apontam uma estética metropolitana (moderna, descolada).

Assim, nada é disposto ao acaso. Ao contrário, até o modo de disposição dos assentos da barbearia e a utilização da cor de ouro na cadeira central (exclusiva de Pablo), remete a um modelo de sofisticação e modernidade. É como se fosse necessário pensar nos mínimos detalhes, apagando toda noção de “rusticidade” sertaneja.

A barbearia tem um estilo do *Rock* e *Metal* e enfatiza uma decoração que alude aos ídolos dos gêneros musicais. Ali existem referências de bandas conhecidas pelos moto-clubes, como o *Mötley Cure*, *AC/DC*, *Lynyrd Skynyrd*, *Deep Purple* e demais referências como *Metallica*, *Iron Maiden* e *Black Sabbath*.

Também é possível ver caricaturas dos vocalistas, tais como o Ozzy Osbourne e James Hetfield, com frases dos cantores. Uma delas, creditada a James Hetfield, vocalista da banda *Metallica*, chamou-me a atenção: “Eu escolho viver, não apenas existir”.

Para os homens da *Barbearia Don Pablo*, que se agrupam, também, a partir de modelos do *Rock*, do *Metal* e dos clubes de motocicleta, essa opção de vida calcada no imperativo da liberdade posta por James Hetfield, representa a performance de correr riscos à medida que se demonstra agilidade e robustez - o que vai ao encontro das contribuições da Connell (2013), ao explicar que a hegemonia trabalha através da produção de exemplos que suscitam estratégias nas relações de poder e resultam redefinições da masculinidade socialmente admirada.

É visto que esses modelos servem como referência aos sócios do local, que performam sua masculinidade a partir desse padrão e, fundamentados nisso, deslegitimam e marginalizam masculinidades que remetem ao estilo sertanejo e, principalmente, como veremos mais adiante, aos ditos “manos”. De todo modo, a barbearia expressa uma contínua tensão entre elementos locais (o regional) e o global (as influências externas).

Assim, se de um lado os sujeitos ali também agem pela manutenção do modelo hegemônico de dominação, tendo como pano de fundo o capital político-ideológico do agro, de outro, o investimento em uma estética pop-rock, seja pelo valor dado ao rock seja pelas motocicletas, dão conta de uma masculinidade constituída de muitas nuances. Não por acaso, o modelo de homens com

cabelos raspados nas laterais em conjunto às barbas cumpridas e alinhadas é muito utilizado no Mato Grosso do Sul e se adequa, ao mesmo tempo, tanto para o grupo de homens do *Rock* quanto do *Sertanejo*, pois eles têm em comum esta admiração estética.

Acerca da estilização do espaço, Márcia Raspanti (2013) nos diz que a preocupação com a aparência e com a indumentária é presente desde o Brasil colonial, pois a ostentação no vestir era efetiva daqueles que integravam a nobreza local, sendo que as cores escuras e o preto eram um dos tons preferidos dos senhores elegantes da colônia.

Conforme exposto no capítulo anterior, para performarem um tom descolado, tanto Pablo quanto Giovani, utilizam-se de roupas escuras e de muitos adereços, tais como brincos, piercings, pulseiras e correntes. Pablo tem um uso mais exacerbado destes acessórios do que Giovani. A vestimenta, em específico a vaidade, é uma das formas de produzir uma masculinidade alternativa. Nesse contexto, a vaidade e o cuidado com a estética que emerge em meio às motocicletas e ao estilo musical do *Rock* fazem da *Barbearia Don Pablo* um ambiente para agradar a todos, dos “machos” tradicionais, aos mais “descolados”.

Raspanti (2013) informa que as implicações da vaidade masculina vêm desde de figuras ilustres como Dom João VI, Dom Pedro II, Joaquim Nabuco e Santos-Dumont, que organizaram cada qual uma relação diferente com a moda e com a vaidade. A autora informa que a indumentária fazia parte de uma série de normas e exigências a que os homens da elite eram submetidos para serem respeitos por aqueles que os cercavam. A boa aparência, neste sentido, está atrelada ao desempenho viril.

Assim, Pablo vale-se dos modelos masculinos do *Rock* e das motocicletas para performar uma masculinidade cosmopolita rechaçando, em alguma medida, possíveis padrões de conduta organizados na realidade sul-mato-grossense. Contudo, seu domínio sobre o salão, bem como o nome do local e o uso da cadeira revestida a ouro, denota um conflito, pois “as masculinidades hegemônicas tendem a envolver padrões específicos de divisão interna e conflito emocional, precisamente por sua associação com o poder generificado” (CONNELL, 2013, p. 271).

Não surpreende que a barbearia toque com muita frequência músicas do *Rock Clássico* e do *Heavy Metal*, entre algumas investidas com o *Rock Nacional*. Os demais gêneros musicais são lidos como chacota entre os barbeiros. Em uma das situações que eu presenciei, um dos barbeiros colocou *rap* para tocar e isso perdurou por algumas músicas, até que Giovani exclamou ao rapaz que aquele tipo de som era intragável, indo em direção às caixas e colocando outro gênero musical. O jovem barbeiro não permaneceu por muito tempo vinculado à barbearia.

Ademais, no âmbito das homossociabilidades, o cigarro, seja eletrônico ou tradicional, representa um elemento de socialização entre os personagens da barbearia. Até aqueles que não fumam no cotidiano acabam se entregando à substância quando estão conversando. É tão comum seu uso que, quando a barbearia não está cheia, os barbeiros fumam lá dentro.

Percebi que esse comportamento se tornou possível à medida que Pablo e Giovani faziam o uso do cigarro dentro do espaço. Eles podem ser lidos como figuras centrais no ordenamento da barbearia, pois instituem regras e normas, bem como ditam sobre o corte de cabelo, na intenção de criar um “estilo” para a barbearia.

A cerveja, apesar de claramente ser um fator de sociabilidade entre os barbeiros, não era consumida por eles nos horários de trabalho. Contudo, notei que uma das formas mais eficazes de aproximação deles com os clientes é por intermédio da cerveja.

Antes mesmo de perguntar quais são os serviços desejados, os barbeiros oferecem uma cerveja e isso serve como um “quebra gelo” entre os interlocutores, pois, a partir disso, emergem assuntos do cotidiano. Clientes mais antigos se direcionam diretamente aos *freezers* e pegam sua cerveja. Conforme contribuições do Almeida (1996, p.39), o “álcool pode ajudar à sentimentalização [...] dá-se a possibilidade de exteriorização”.

Esses conteúdos de estilização do espaço em conjunto com as músicas, servem como pano de fundo nos momentos de socialização e aparentam operar uma dinâmica de códigos e ritos que devem ser encorpados e integrados para vinculação com Pablo e Giovani.

Observando a relação desses homens com as características que sustentam seu estilo de masculinidade, ficou evidente os inúmeros recursos

utilizados pelos barbeiros para a produção de uma dada masculinidade. Como um “edifício”, camadas e camadas de artifícios são criados para que o “ser homem” se produza e se “erga”. Assim, a contínua negociação entre barbeiros e barbeiros, e barbeiros e clientes, mediados por espaços e artefatos, são reveladores de uma multifacetada maquinaria produtora de masculinidades que se complementam, tensional, disputam e produzem “machos”.

3.1 ESTABELECENDO (CONTRA)CONDUTAS NA ANTECÂMERA NA BARBEARIA DON PABLO

Reservei uma quarta-feira para estar na barbearia, a fim de compreender de modo mais minucioso a dinâmica relacional da barbearia. Naquele momento da minha investigação todos do local já me conheciam e estavam mais à vontade com a minha presença, não apresentando tantas reservas. Minha intenção nesse dia era me prolongar até o final do expediente, que ocorria por volta das oito horas da noite.

Antes de ir até o local, enviei mensagem para o Giovani perguntando se ele estaria por lá. Fui comunicado que ele chegaria no almoço e ficaria até a barbearia fechar. Diante disso, resolvi chegar próximo ao seu horário e acompanhá-lo no expediente.

Era início da tarde, naquele momento a barbearia estava com nenhum cliente, como não estava muito quente, estávamos do lado de fora, sentados à mesa lateral, onde geralmente fumávamos e conversávamos sobre a vida. Naquele dia estávamos eu, Giovani e um outro barbeiro, o mesmo que outro momento revelou ter assistido o parto da esposa.

Naquele dia como a barbearia estava vazia e Giovani havia ido de carro e estacionado um pouco distante, consegui parar o meu veículo em frente à barbearia. Pablo raramente ia de carro ao local, com frequência estava em posse de sua moto *custom* – como narrei no capítulo 2.

Nessa ocasião não foi diferente, Pablo chegou com a sua motocicleta pela calçada, com um som estrondoso, tal qual estava acostumado. Entretanto, quando Pablo chega e vai cumprimentar os barbeiros e a mim, sinto um ar de desdém comigo, próximo ao que Giovani exerce quando silencia os barbeiros.

Atento às relações intersubjetivas (característica das pesquisas qualitativas), percebi que talvez o desconforto fosse comigo. Questionei-me o fato de ter parado o carro em frente à barbearia. Talvez aquele espaço estivesse destinado somente aos barbeiros? Guardei aquela sensação e continuamos a conversa do lado externo da barbearia.

Em um dado momento chegaram os clientes e o espaço foi se movimentando, até que a barbearia se esvaziou novamente, foi quando ficamos eu e os demais barbeiros a sós. Naquele momento, veio à tona o desconforto que estava velado até então: Pablo descobriu que sou psicólogo. Ocorre que pela minha proximidade com Giovani, consegui adentrar ao campo de pesquisa. Esse, por sua vez, conhecia minha profissão. Pablo, até então, não.

Após os clientes irem embora e ficarmos dentro da barbearia, momento que Pablo acende um cigarro e me indaga: “você é psicólogo?”. Respondi de prontidão que sim. Ele, por sua vez, deu um trago longo em seu cigarro e se sentou ao meu lado no sofá, então perguntou: “o que dá pra fazer com um cara doido como eu?”. Como resposta, procurei compreender o que ele estava dizendo por “fazer” e por “ser doido”.

Pablo tem a crença de ser uma pessoa “doida” e tive a impressão de que para ele “ser doido” é destoar e se desviar das normas e regras impostas que balizam a vida social ordinária. Naquele momento, ele me contou o que sentia e que já havia feito muitas coisas que não entendia o motivo, narrando fatos ilícitos e momentos que colocaram sua vida em perigo.

Essas colocações de Pablo sobre sua própria conduta tornam nítido que os homens, em seu exercício da masculinidade, percebem-se associados a práticas em que a tônica é a violência, a falta de cuidado e o exagero, o que os leva a se colocarem em situações de risco e promoverem práticas que os expõem aos acidentes e ao dano físico e psicológico, bem como os fatos narrados por Pablo.

Não surpreende que nos relatos de Pablo e Giovani sobre suas viagens e suas bebedeiras estes não estarem atentos para situações que poderiam vir a se machucar, seja física ou psicologicamente. O estado de competição que o exercício viril incide sobre os homens faz com que estes vivam uma situação de estresse constante. Pablo, em seu esforço de garantir sua posição na antecâmara da casa dos homens que forja para si expõe suas associações às

dinâmicas de violência e sua dificuldade em admitir fraquezas e fragilidades, encobrendo essas configurações com o que chama de “ser doido”.

Diante da minha naturalidade sobre o que me contava, Pablo ficou receoso. Tive a impressão de que sua intenção era mais me comover com suas histórias de estar em alta velocidade, de usar drogas, de colocar sua vida em perigo e, a partir disso, que me colocasse a traçar um “diagnóstico” e pensar em um plano de “intervenção”. Fui pelo lado oposto, disponibilizei-me a ouvir e o fazer pensar sobre o que ele me falava. Quando faltaram respostas, Pablo, em tom de chacota, disse que “sou um bom psicólogo”, seguido de um tapa nas costas.

Por mais evidente que tivesse a banalização do Pablo, senti que naquele momento o exercício da masculinidade hegemônica estava em cena e minha posição de psicólogo havia sido colocada em xeque. Mas o que mais me chamou a atenção foi a intenção do Pablo se vender como um homem libertário, sem amarras, que coloca sua vida em perigo e não tem medo. Naquele momento vi que não é à toa que ele ocupa a antecâmara junto ao Giovani. Pablo sabe como se aproximar dos homens e como produzir quebras e rupturas para se colocar em evidência.

Acostumado a competitividade, Pablo parece vivenciar mal uma situação em que não seja levado ao confronto e à rivalidade, movimento que o direciona à chacota, à desqualificação e ao rebaixamento diante dos outros, isto porque “os homens estão sempre desconfiando da masculinidade uns dos outros” (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2010, p.29), o que torna qualquer sujeito que tente adentrar ao grupo como alguém possuidor de uma identidade questionável.

Esse ocorrido me permitiu pensar sobre o estabelecimento de condutas na antecâmara: quais comportamentos são reforçados naquele espaço? Quais masculinidades são rechaçadas? Coloquei-me a observar esses elementos.

Minha intenção aqui é verificar amarras e laços que engendram a dinâmica relacional dos homens da barbearia em um sentido hegemônico e contrahegemônico, que guia a constituição de suas identidades e de seus percursos de vida.

É importante dizer que o agrupamento masculino se efetiva através dos jogos de poder e, nesses, cada homem cumpre seu papel na manutenção do modelo hegemônico ou em sua contraposição. Alocar cada comportamento e

pensamento não é tão simples, pois não se sabe o que olhares e silenciamentos podem produzir na dinâmica relacional.

A barbearia representa não apenas uma das formas de sociabilidade entre os homens, mas, nesse espaço, que é criado a partir da relação barbeiro-cliente, confere-se àqueles que buscam o serviço a legitimação de uma estética hegemônica, que é expressa através de barbas compridas e alinhadas junto às laterais do cabelo raspado.

Para além de oferecer uma série de serviços voltados para homens, a barbearia oferta um ambiente que produz masculinidades. É com base nisso que se criam diversos modelos de barbearias, cada qual com seu estilo e sua oferta de masculinidade, que podem remeter às várias nuances do modelo hegemônico.

As contribuições de Robert Connell e James Messerschmidt (2013, p.264) dão um direcionamento ao explicar que “a motivação em direção a uma versão hegemônica específica varia de acordo com o contexto local e tais versões locais de masculinidade inevitavelmente diferem entre si”. Interpretar a partir desta indicação é abarcar os ensinamentos de Mathieu (1991, p.43) acerca dos “sexos como produtos de um *rapport* social”, contemplando a questão do poder, que concebe, também, patrivilocalidade¹². Trata-se de perceber as clivagens no seio de cada sociedade, em seus ritos, costumes e práticas sexualizantes.

A *Barbearia Don Pablo* baliza alguns modelos de masculinidades, que são atraídos pela proposta do salão e, a partir do serviço prestado, são fidelizadas ou não. Esse processo de constituição das referências simbólicas que ali transitam é promovido tanto pelas delimitações que Pablo e Giovani impõem aos barbeiros e também pela estilização do espaço, que funciona como chamarisco de clientes.

Evidenciei em outro momento que a maioria dos clientes da barbearia são pais e vão acompanhados de seus filhos e/ou companheiras. Não à toa o

¹² Mathieu (1991) explica que o poder dos homens sobre as mulheres pode ser denominado ‘viriarcado’, uma similitude estrutural entre as sociedades, que vai para além dos conteúdos específicos destas. Assim, quando se analisa regiões, os *rapports* entre os sexos ganham contornos patrivilocais, observada a influência específica que o poder patriarca e viril incide sobre as subjetividades. Este subsídio permite pensar o patriarcado e a viriarcado em suas organizações locais, levando a análise ao âmago dos modos específicos de subjetivação que engendram comportamentos e condutas.

cuidado e a paternidade aparecem como pano de fundo das conversas entre os barbeiros e funciona como critério de entrada à barbearia.

Conforme minhas visitas a barbearia foram acontecendo, percebi que ali existia uma rotatividade de barbeiros. Alguns conflitos eram travados, alguns deles aconteciam entre a equipe e os parceiros de negócio e isto alterava o quadro de funcionários. Houve momentos em que Giovani investiu contra determinações do Pablo, o que representou a separação da dupla por alguns meses. Diferenças que foram superadas sem maiores detalhes.

Ao longo da minha investigação vi mudanças na disposição dos móveis e na oferta de produtos. Quando estreitei minha relação com os proprietários do local pude investigar melhor o que motivava as alterações. Ocorre que cada barbearia é conhecida por um estilo de atendimento, de corte e de delineamento da barba. Isto faz com que os barbeiros se reconheçam entre si. Eles são validados pelo local que fizeram o curso, pois ali eles aprenderam a exercer sua profissão através de parâmetros organizados no local que eles praticaram os cortes.

Os barbeiros utilizam a palavra curso para se referir a formação, mas essa não ocorre nos moldes tradicionais de uma escola. O curso é caracterizado pela observação contínua daqueles que têm interesse de exercer a profissão. Eles precisam frequentar a barbearia e observar qual o passo-a-passo da produção de um homem.

Inicialmente, trata-se de uma imitação dos barbeiros aprendizes para com os barbeiros mais velhos. Em um segundo momento, é sobre aprender códigos e ritos que operam na lógica hierárquica das masculinidades. Por fim, trata-se de fazer “como outros homens” (WELZER-LANG, 2001, 463).

É a partir de uma formação organizada por homens que outros homens são autorizados a produzir mais homens em uma lógica hegemônica de estilização dos corpos e das condutas. Isso faz com que a imersão no campo das barbearias implique aprender a estar com os homens, o que ocorre por meio do curso, que é uma formação de entrada na “casa dos homens” (WELZER-LANG, 2001).

Observar essa lógica de entrada no campo das barbearias, mais especificamente no campo das masculinidades, é considerar que o agrupamento masculino é organizado através técnicas empreendidas produtoras de um poder

que se faz presente nos pensamentos, nas conversas e nas condutas masculinas, criando corpos e subjetividades.

Essas práticas que balizam a entrada na casa dos homens assumem como escopo “conduzir a conduta dos indivíduos” (FOUCAULT, 2004, p.125) e, para tanto, faz funcionar uma direção da consciência conjugada a um sistema de obrigações e produções de verdade que são traduzidas em comportamentos, gramáticas morais e condutas que são desenvolvidas nas dinâmicas relacionais da barbearia.

Foucault (2004, p. 196-197) informa que a conduta possui uma dupla referência, de modo que: 1) a conduta é atividade de conduzir uma condução; e 2) a maneira como uma pessoa se conduz, como se deixa conduzir, como se é conduzido e como se comporta sobre o efeito de uma conduta.

Na dinâmica dos homens que frequentam a barbearia essa forma de conduta assume grandes proporções quando se traduz em diversas práticas que vão sendo desenvolvidas de acordo com o reconhecimento e rechaça de uns sobre os outros, de modo a desenvolver um poder que incide sobre o modo de se fazer homem, de guiar as próprias ações com o propósito de ser conduzido ao lugar mais viril e, conseqüentemente, de maior reconhecimento.

Em relação à *Barbearia Don Pablo*, a dupla de sócios é quem vai conduzir essa entrada e delimitar padrões de conduta. Em oportunidade de diálogo, Pablo e Giovani explicaram que a entrada na barbearia segue, em primeira instância, pela demanda de serviços que a barbearia tem, pois, a depender da época do ano, existe um grande fluxo de atendimento.

Certa vez eles utilizaram a expressão “escolher barbeiro que já está jogando”, referindo-se àqueles que já estão em uma barbearia ou “barbeiro que está na reserva e vai entrar agora”, referindo-se àqueles que ainda não tem uma atividade prática efetiva.

Tanto Giovani quanto Pablo não exigem diplomas de curso e não se importam com tempo de profissão. Em discurso oficial dizem prezar pela qualidade do corte, em tom “informal”/implícito (diante da gramática moral que estabelecem) o critério parece ser outro: o perfil social dos candidatos (estética corporal, gostos, forma de se expressar, etc).

Entre as várias mudanças no quadro de funcionários, dialoguei com barbeiros que dispunham de um diploma e faziam disso um alicerce, bem como

tive contato com aqueles que aprenderam em barbearias, através da prática de observação.

Apesar de não exigirem diplomas e nem tempo de profissão, os parceiros exigem visualizar como são os cortes já feitos e o fazem através de fotos ou postagem nas redes sociais. A partir disso, os candidatos passam por uma entrevista, que carrega o intuito de checar “padrões de comportamento”, ou seja, há o acionamento de uma gramática moral.

Giovani em uma ocasião disse que existe um padrão *Don Pablo* de atendimento e verbalizou: não existe “manês”¹³ aqui. Giovani inclui seu parceiro Pablo para afirmar que, na barbearia, não há espaço para “manos”. Ainda segundo ele: “aqui se pode falar uma besteira ou outra, errar uma palavra, mas aqui não tem gíria.”

Naquela oportunidade me ocorreu como a questão da gíria estava travestida de um pré-conceito de classe. Afinal, quem são os maloqueiros, ou nos seus dizeres, os “manês”? A dupla, que seleciona os barbeiros que adentram à barbearia, dispunha de um repertório linguístico que os remetiam à pertença de um grupo hegemônico e isso não ocorria de forma oculta.

Para além da barbearia, Giovani e Pablo são líderes de um moto-clubes, que reúne homens para viajar pelo interior do estado. Entre eles, gírias de moto-clubes são comuns, além de chacotas, que remetem à falta de habilidade com a motocicleta e/ou carregam o intuito de posicionar os homens em lugares tidos como femininos. Com isso, eles afastam condutas e comportamentos “indesejados”, ou seja, aqueles atrelados à noção de marginalidade ou de dissidência sexual.

Nesse sentido, é através da linguagem verbal, do comportamento, da vestimenta e, por fim, da conduta, que os homens se reconhecem e expressam acolhimento, indiferença ou exclusão. No caso dos manos, que Giovani se referia, emergia um tom de rivalidade. Ele expõe com esta forma de segregação algo que vai para além do recorte *Rock and Roll* e *Metal* que a barbearia se traveste: ali não se aceita os ‘manos’. Esses últimos são lidos, dada a região da

¹³ Conforme exposto em capítulo anterior, o termo “manês” é empregado para designar características de um grupo masculino conhecido como manos que, nas palavras de Giovani, seriam os maloqueiros.

barbearia e as outras que ali se localizam, como aqueles que remetem às camadas populares.

Deste modo a masculinidade hegemônica ganha força, pois é na coletividade, especificamente na cumplicidade, que os homens performam os modelos similares à medida que marginalizam não apenas as características femininas, mas, também, aquelas produções que eles julgam como desrespeitosa ou desonrosa (WELZER-LANG, 2001; ZANELLO, 2020).

Como critério para entrada na barbearia, a dupla de barbeiros Pablo e Giovanni utiliza-se também da entrevista, quando os sócios verificam a história pregressa dos candidatos, contrapondo com características que consideram honrosa ou respeitosa.

Durante minha etnografia troquei número de celular com a dupla, na intenção de checar como estava o movimento da barbearia para poder ir até lá. Em um dado momento foi aberto um processo seletivo, que foi publicado via *status* da plataforma social *WhatsApp*. Com um fundo preto e letras brancas o anúncio expunha: contrata-se barbeiros. Abaixo constava os telefones dos parceiros e o requisito de experiência. No canto esquerdo da imagem, abaixo da logo da barbearia, que é uma caveira, com olhos arregalados, cabelo e barba no estilo lenhador, constava: *Barbearia Don Pablo – “Homens de Respeito”*.

Somado os fatores fica evidente que a dupla considera o que chamam de ‘manos’ como algo permeado de desrespeito e desonra. Ou seja, mais uma vez, a honra se constitui como um dos elementos simbólicos de produção da masculinidade hegemônica.

Grossi (2004), em uma revisão de literatura sobre o campo das masculinidades, elenca a honra e a violência como linhas que andam em simultaneidade. A autora informa que essa categoria baliza inúmeras sociedades (sobretudo as mediterrâneas) e, no caso do Brasil, cita processos em que homens cometeram feminicídio e tiveram sua pena diminuída sob o argumento de “lavar sua honra”.

A autora explica que os homens utilizam da honra para exercer controle e, para tanto, devem dispor de um poder econômico, a fim de tornar dependentes aqueles que devem ser controlados, tais como mães, filhas e filhos, irmãs e irmãos. Não por acaso, eles se utilizam de um artifício para medir a questão do respeito: a paternidade. Ser pai é ser alguém de respeito, que tem

responsabilidade (JARDIM, 2001; ARILHA, 1998). O ‘mano’, ao contrário, é alguém marginal, sem moral, sem honra, em que, ao contrário do “pai”, não se pode confiar.

Segundo eles, a partir disso é possível verificar qual é o compromisso que a pessoa vai ter ao empregar sua mão de obra e carregar a marca *Don Pablo*. Esse posicionamento acerca da paternidade me remeteu às contribuições tanto de Denise Jardim (1995) quanto de Margareth Arilha (1998) ao exporem, através de suas respectivas pesquisas, que a paternidade é um marco na vida dos homens, servindo como diferenciador de *status* perante os mais novos.

As autoras apresentam que essa posição ‘irreversível’ implica um leque de valores esperados e incorporados a partir da concretização paterna. Confere-se um valor social, que diz respeito ao provedor e estabelece uma determinada posição de sujeito, pois ter a capacidade de “fazer filhos” e “criar filho” prevê que “Em termos corporais, [sejam] adensadas capacidades físicas e morais” (JARDIM, 1995, p. 195).

O critério da paternidade para entrada ao coletivo de barbeiros revela a ambiguidade posta no exercício das masculinidades na Barbearia Don Pablo, isto porque a dupla de sócios utiliza de práticas que remetem à liberdade, ao excesso e ao exagero como balizadoras do “ser homem” ao passo que escolhem os “homens de respeito” a partir da paternidade e em observação às qualidades morais que deslocam o exercício do primeiro critério, revelando uma mudança no modo de operar o poder.

A noção de contraconduta (FOUCAULT, 2004) desloca o foco das práticas que compõem as relações de poder que atravessam os sujeitos, tal como ocorre quando se avalia a dimensão da paternidade na entrada da Barbearia Don Pablo, designando um movimento nos jogos de poder capaz de criar possibilidade de ação à medida que se recusa o modo de ser conduzido à luz do exercício hegemônico tão presente na barbearia.

É válido destacar que tanto o ofício da paternidade quanto o de barbeiro implicam o empreendimento da ação de cuidar que é permeado pelas responsabilidades que o trabalho da paternidade e da barbearia remetem. Isso faz com que estas contracondutas sejam ainda mais reveladoras de uma ambiguidade, de forma a serem sedimentadas no terreno das estratégias e técnicas que balizam a conduta dos homens da Barbearia Don Pablo,

constituindo-se de maneira indefinida e aberta em meio a uma complexa gramática moral.

Outro ponto a ser observado pela dupla de proprietários é a qualidade do atendimento. Eles explicam que esse padrão fica mais evidente no cotidiano. Giovani certa vez explicou que os barbeiros trabalham com um público exigente e que, devido a este fator, os barbeiros precisam tratar os clientes com respeito. Nessa oportunidade, ele lançou mão de exemplos do que considera ideal na qualidade de atendimento, como narrou, certa vez ocorreu um processo seletivo em que receberam dois barbeiros. Um dos candidatos tinha bastante experiência com os cortes de cabelo e uma qualidade superior ao seu concorrente, mas teria comparecido na entrevista de shorts, chinelos e empregava o ‘manês’ em sua linguagem – os atributos considerados próprios a um ‘mano’, porém impróprios para alguém “de respeito”.

Seu concorrente não tinha experiência nenhuma. Havia realizado seu curso em outra barbearia e, até o momento, estava trabalhando visitando seus clientes. Contudo, esse último trabalhava em um shopping e estava bem vestido, com uma camiseta polo, jeans, sapatos e não dispunha do ‘manês’.

De acordo com Giovani, a dupla optou pela contratação do segundo sujeito, que ficou na barbearia por algum tempo. Além da linguagem e do estilo, Pablo e Giovani observam a vestimenta dos barbeiros. Para eles os homens que trabalham ali devem ter uma conduta respeitosa e honrada.

Além disso, eles avaliam o comprometimento em equipe, pois no local eles não dispõem de uma pessoa que trabalha com a limpeza e as atividades domésticas são divididas entre o grupo. Ou, melhor dizendo, acontecem à medida que os barbeiros tomam a iniciativa de limpar.

Essas categorias, dispostas na “casa dos homens” que Pablo e Giovani forjaram para si são organizadas pela dupla a partir do vínculo que eles estabeleceram enquanto parceiros e, acima de tudo, como cúmplices de um conjunto de códigos, regras e valores que ajudam a produzir o perfil esperando tanto de um barbeiro quanto de um possível cliente. Ao mesmo tempo, ao contrário do que uma análise apressada poderia inferir, os códigos morais mobilizados não são absolutos. Há uma série de negociações e tensionamentos que fazem com que a gramática moral da masculinidade pretendida seja um empreendimento em constante elaboração.

Portanto, tais ideais de masculinidades são constituídos por uma ambiguidade em que ora parece prevalecer o exercício de uma masculinidade hegemônica e rígida (tradicional), ora a emergência de uma masculinidade moderna (cosmopolita). Em um espaço em que circulam tantos códigos, símbolos, hierarquias e negociações, tornar-se homem é sinônimo de uma permanente artesanaria.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Meu exercício durante a presente investigação foi dar ênfase ao processo de construção da organização das masculinidades a partir dos processos de interação em uma barbearia localizada na cidade de Campo Grande-MS. Se não é possível falar numa masculinidade no singular (como se fosse algo universal e trans-histórico), a pluralização só faz sentido quando localizada e contextualizada. Nesse sentido, busquei compreender como num ambiente de homossociabilidade voltado para o cuidado estético, masculinidades eram performadas, construídas, reiteradas e significadas. Nesse percurso, diálogos, narrativas, comentários, expressão corporal, brincadeiras, foram interpretados como “artefatos” importantes na construção desse edifício chamado masculinidade.

Minha maior preocupação durante a pesquisa foi de evitar uma perspectiva de “crise da masculinidade”, uma ideia que foi forjada graças às lutas feministas e que advém da ideia de que os homens não saberiam mais como agir, pois, “seu *modus operandi* natural de macheza teria sido proibido pelo politicamente correto”, isto porque essa lógica vai de encontro ao que está presente em uma fantasia mítica da masculinidade: “existiu, ou existe, em algum lugar inalcançável, uma virilidade verdadeira, não castrada e sem lei” (AMBRA, 2019, s.p).

Distanciando-me do campo das fantasias que regulam a masculinidade hegemônica procurei atentar-me às dinâmicas da masculinidade a partir das tramas relacionais cotidianas, observando e escutando e interagindo com proprietários, barbeiros e clientes. Diante do engajamento da minha pesquisa na *Barbearia Don Pablo* e das relações que pude participar, ora como protagonista ora como coadjuvante, notei que existem paradigmas que conectam os homens, entre eles, a cumplicidade e a honra – produzidas a partir de uma complexa gramática moral. Procurei expor tal configuração a partir do campo das relações entre patrões e funcionários e entre estes e seus clientes.

Conforme me desdobrei sobre elas puder ver que os repertórios produtores de masculinidade não são estabelecidos linearmente, mas funcionam

em meio a um aglomerado de afetos, sentimentos e emoções que emergem em cada contexto e negociação.

Não por acaso deparei-me por diversas vezes analisando a ação de “cuidar” (ser responsável) e como esta organiza algumas das relações entre os homens da barbearia: cuidar da esposa doente, cuidar dos filhos, acompanhar a esposa, não ser “manês”, não basta em si mesmo. É preciso uma audiência, afinal, um dos requisitos para ocupar a “casa dos homens” é ser avaliado e validado pelo olhar dos “outros homens”. Naquele contexto, tal avaliação e validação as vezes se constituía não pela violência (WELZER-LANG, 2001), mas por uma cumplicidade (ZANELLO, 2020) travestida do exercício paterno e familiar do cuidar - conforme pude demonstrar ao longo do capítulo 2.

Em um ensaio sobre reflexões masculinas em meio à pandemia, Medrado et. al. (2021) argumentaram que a questão da socialização masculina cisheteronormativa quando contraposta com a ideia de cuidado cria três eixos que merecem atenção: 1) abjeção às práticas de cuidado de si e dos outros; 2) rejeição às práticas preventivas em saúde, distorcendo a matriz de percepção de risco (devido ao sentimento de “invulnerabilidade” masculino); e 3) a dinâmica doméstica marcada por posições de ordenamento e honra. Ainda, conforme os autores, essas dimensões da vida cotidiana foram profundamente provocadas e abaladas durante a pandemia. Certamente que o complexo cenário pandêmico inaugurado pela covid-19 no Brasil e no mundo tem impactado nossas relações conosco mesmos e com os outros bem como nossas subjetividades. No entanto, acredito que a atenção com o cuidado encontrada durante minha pesquisa de campo, não se confunde com a noção de cuidado à qual alude Medrado *et al.*

Ao contrário, o que se evidenciou ao longo do campo que os homens não se percebem enquanto “não cuidadores”. Antes, o cuidado, enquanto “responsabilidade por”, é um princípio constituinte de uma honra, e, portanto, do “ser homem”. Isso não se dá, no entanto, de modo “automático”. É algo a ser conquistado (algo que vem com a “maturidade”) e demonstrado. Nesse sentido, não basta ser homem e frequentar a barbearia (há o caso de um barbeiro que foi admitido, mas que não ficou muito tempo), também não basta ser um consumidor em potencial (os manês também podem pagar pelo serviço, mas não são bem vindos). Essa “conquista” de um status de reconhecimento não é vivida sem ambiguidades.

A manifestação de desdém por parte de Pablo, sua atitude de ser um homem de poucas palavras e que “aponta”, ou seja, apenas dá sinais, manifesta um jogo tensionante entre uma performance descolada e ao mesmo tempo “rude”. Assim, como explicitarei ao longo do capítulo 3, Pablo em seu exercício de liderança na barbearia, ao mesmo tempo que toma para si o uso exclusivo de objetos e performa sua virilidade de forma a comedir outros homens, também aciona recursos que permitam que tal exercício nunca se exceda. Não por acaso ao interromper a narrativa do barbeiro que acompanhou o parto da esposa e se retirar de cena, não tarda em voltar para participar da cena.

Se no senso comum cuidado é interpretado como ato de vontade, de solidariedade, de generosidade, no mundo dos homens, ela confunde-se com tensão e cumplicidade nos permitindo evidenciar mais uma vez a impossibilidade de falar e pensar sobre a “casa dos homens” fora das marco de relações de poder. Nessa seara, cidade, urbano, local, global, cosmopolitismo, tradicionalismo, tornam o “ser homem” um jogo ainda mais complexo.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. Máquina de fazer machos: gênero e práticas culturais, desafio para o encontro das diferenças. In: C. J. S. Machado, I. M. F. L. Santiago, & M. L. S. Nunes (Orgs). Gêneros e práticas culturais: desafios históricos e saberes interdisciplinares. Campina Grande: **EDUEPB**, 2010.
- ALMEIDA, Miguel. Gênero, masculinidade e poder: revendo um caso do sul de Portugal. Em: **Anuário Antropológico**. 95. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.
- AMARILHA, Carlos Magno Mieres. Os intelectuais e o poder: história, divisionismo e identidade em mato grosso do sul. 2006. 237f. **Dissertação (Mestrado) – Curso de História da faculdade de ciências humanas, Universidade Federal da Grande Dourados**, Dourados, 2006.
- ALVAREZ, Johnny; PASSOS, Eduardo. Cartografar é habitar um território existencial. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCOSSIA, Liliana da. **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2012. p. 131-149.
- AMBRA, Pedro (Org). Cartografias da masculinidade. Revista Cult, n. 242, ano 22, 2019.
- APPLE, Michael. et al. **Pedagogia da exclusão: crítica ao neoliberalismo em educação**. Vozes, 2000.
- ARILHA, Margareth; UNBEHAUM, Sandra; MEDRADO. Benedito (Orgs). **Homens e Masculinidades: Outras palavras**. São Paulo: ECOS/Ed. 34, 1998.
- ARILHA, Margareth. Homens: entre a “zoeira” e a “responsabilidade”. In: ARILHA, Margareth; UNBEHAUM, Sandra; MEDRADO. Benedito (Orgs). **Homens e Masculinidades: Outras palavras**. São Paulo: ECOS/Ed. 34, 1998. p. 51-77.
- ARRUDA, Gilmar. **Cidades e Sertões: entre a história e a memória**. Bauru/SP: EDUSC, 2000.
- ATTIANESI, Daniel; PASSAMANI, Guilherme Rodrigues. Um urbano pra lá de rural: as particularidades políticas, históricas e culturais que transformaram Campo Grande de arraial a capital. **Cadernos do LEPAARQ (UFPEL)**, v. 15, n. 30, p. 56-68, 2018.
- BADINTER, Elisabeth. **XY: sobre a identidade masculina**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BARROS, Laura Pozzana de; KASTRUP, Virgínia. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCOSSIA, Lílíana da. **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2012. p. 52-75.

BECKER, Simone; OLIVEIRA, Esmael Alves de; CAMPOS, Marcelo da Silveira. **Guarani-Kaiowá: 'Onde fala a bala, cala a fala'**. Brasil Debate, 2016. Disponível em: <https://brasildebate.com.br/guarani-kaiowa-onde-fala-a-bala-cala-a-fala/>

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia da Letras, 2007

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas. **Política nacional de atenção integral à saúde do homem: princípios e diretrizes**. Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas – Brasília: Ministério da Saúde, 2009.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**, 11ª edição, Editora Bertrand Brasil Ltda, Rio de Janeiro, 2012.

BOZON, Michel. **Sociologie de la sexualité**. 2 ed. Paris: Armand Colin, 2009.

CALADO, Lenita Maria Rodrigues. **Campo Grande e sua Feira Livre Central; conhecendo a cidade através da feira** / Lenita Maria Rodrigues Calado. – Dourados, MS: UFGD, 2010

CALDAS, Dario (Org.). **Homens: comportamento, sexualidade, mudança**. São Paulo: SENAC, 1997.

CARVALHO, Isabel. **A invenção do sujeito ecológico: sentidos e trajetórias em educação ambiental**. 2001. 354p. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

CONNELL, Robert W. "Políticas da masculinidade". **Educação e Realidade**, v. 2, n. 20, p. 185-206, 1995

CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, v. 21, n. 1, p. 241-282, 2013.

CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. **História da virilidade**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

COSTA, Celso. "Evolução Urbana". Em: **Álbum Campo Grande, 100 anos de construção**. Campo Grande: Matriz Editora, 1999.

COSTA, Claudia de Lima; ÁVILA, Eliana. Gloria Anzaldúa, a consciência mestiça e o "feminismo da diferença". **Revista Estudos Feministas**, v. 13, p. 691-703, 2005.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Introdução: rizoma. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**, v. 1, p. 11-37, 1995.

DOMINGUES, Bruno Rodrigo Carvalho; GONTIJO, Fabiano. Como assim, cidade do interior? Antropologia, urbanidade e interioridade no Brasil. **Ilha Revista de Antropologia**, v. 23, n. 3, 2021.

FONSECA, Claudia. Quando cada caso NÃO é um caso: Pesquisa etnográfica e educação. **Revista Brasileira de Educação**, n. 10, p. 58-78, 1999.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986.

FOUCAULT, Michel. **Sécurité, territoire, population**. Paris: Gallimard/ Seuil, 2004.

GARDIN, Cleonice. **Campo Grande: Entre o Sagrado e o Profano**. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 1999.

GAGNON, John H. **Uma interpretação do desejo: ensaios sobre o estudo da sexualidade**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

GONTIJO, Fabiano. Sexualidade e Ruralidade no Brasil: o que os estudos rurais e os estudos de gênero e sexualidade (não) dizem sobre essa relação? **Vivência: Revista de Antropologia**, Natal, v. 1, n. 45, p. 145-158, 2015.

GONTIJO, Fabiano; ERICK, Igor. Diversidade Sexual e de Gênero, Ruralidade, Interioridade e Etnicidade no Brasil: Ausências, Silenciamentos e... Exortações. **ACENO**, Cuiabá, v. 2, n. 4, p. 24-40, 2015.

GROSSI, Miriam. Masculinidades: Uma revisão teórica. **Antropologia em Primeira Mão**, Florianópolis, p. 4-37, 2004.

GUATTARI, Félix. Transversalidad y Psicoanálisis. **Buenos Aires: Siglo XXI**, 1964.

JARDIM, Denise. Performances, reprodução e produção dos corpos masculinos. In: LEAL, Ondina Fachel (Org). 2 ed. **Corpo e significado: ensaios de Antropologia Social**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2001 [1995].

KIMMEL, Michael S. Masculinidade como homofobia: Medo, vergonha e silêncio na construção de identidade de gênero. **Equatorial – Revista do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social**, v. 3, n. 4, p. 97-124, 24 fev. 2016.

KIMMEL, Michael S. Los estudios de la masculinidad: una introducción. Em: **La masculinidad a debate**. 2008. p. 15-32.

KIMMEL, Michael S. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. **Horizontes antropológicos**, v. 4, n. 9, p. 103-117, 1998.

KIMMEL, Michael S.; MESSNER, Michael A. **Men's lives**. Macmillan Publishing Co, Inc, 1992.

LACLAU, Ernesto; MOUFFE, Chantal. **Hegemonía y estrategia socialista**. Madrid, España, 1987.

LEFEBRE, Henri. **A Vida Quotidiana no Mundo Moderno**. São Paulo: Editoria Ática, 1991.

LIMA, João Pedro Vilar Nowak; MONTREOZOL, Jeferson Renato. Identidade Masculina na Contemporaneidade: novas sínteses dialéticas. Em: **A psicologia frente ao contexto contemporâneo** [recurso eletrônico] / Organizador Juliano Del Gobo. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2018.

LUCCA, Paulo Roberto. **Cerca adentro, cerca afora: Gênero, Memória e gestão entre fazendeiras de Mato Grosso do Sul**. Dissertação de Mestrado. Antropologia Social. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Campo Grande: UFMS, 2019.

LYRA, Jorge. **Paternidade adolescente: uma proposta de intervenção**. Mestrado em Psicologia Social. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo: PUC, 1997.

MACHADO, Paulo Coelho. **Pelas Ruas de Campo Grande: a Rua Velha**. Campo Grande: Tribunal de Justiça de Mato Grosso do Sul, 1990.

MATHIEU, Nicole-Claude. “Quand céder n’est pas consentir, des déterminants matériels et psychiques de la conscience dominée des femmes, et des quelques-unes de leurs interprétations en ethnologie”. Em: **L’ Arraînement des Femmes, essais en anthropologie des sexes**. Paris: EHESS, 1985

MATHIEU, Nicole-Claude. **L’anatomie politique, catégorisations et idéologies du sexe**. Paris: Côté-femmes, 1991.

MEDRADO, Benedito. **O masculino na mídia: repertórios sobre masculinidade na propaganda televisiva brasileira**. Dissertação de Mestrado em Psicologia Social. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo: PUC, 1997.

MEDRADO, Benedito et al. Homens e masculinidades e o novo coronavírus: compartilhando questões de gênero na primeira fase da pandemia. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 26, p. 179-183, 2021.

MOTTA, Flávia de Mattos. Curió Valente: representações de gênero em competições de pássaros canoros. **Pagu**, Unicamp, n. 30, p. 199-229, 2008.

NASCIMENTO, Marcos Antonio Ferreira do. **Desaprendendo o silêncio: uma experiência de trabalho com grupos de homens autores de violência contra a mulher**. Dissertação de mestrado. Mestrado em Saúde Coletiva. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: UERJ, 2001.

NOLASCO, Sócrates. **De Tarzan a Homer Simpson: banalização e violência masculina em sociedades contemporâneas ocidentais**. Rocco, 2001.

NOLASCO, Sócrates. **O Mito da Masculinidade**. Rocco: Rio de Janeiro, 1993.

OLIVEIRA NETO, Antônio Firmino de. **Ruas e Calçadas de Campo Grande**. SP: USP, dissertação de mestrado em Geografia, 1997.

OLIVEIRA NETO, Antônio Firmino de. **Campo Grande e a rua 14 de Julho: tempo, espaço e sociedade**. Tese (doutorado) – Universidade Estadual Paulista – Faculdade de Ciências e Tecnologia – Presidente Prudente, 2003.

PAULA, Dilma Andrade de. O futuro traído pelo passado: a produção do esquecimento sobre as ferrovias brasileiras. Em: FENELON, Déa Ribeiro; MACIEL, Laura Antunes; ALMEIDA, Paulo Roberto de; KHOURY, Yara Aun (orgs.). **Muitas memórias, outras histórias**. São Paulo: Olho d'Água, 2004.

PARK, Robert. A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio humano. In: VELHO, Otávio (Org.) **O Fenômeno Urbano**. Rio de Janeiro. Zahar Editores, 1979.

PASQUINO, Gianfranco. Modernização. In: BOBBIO, Norberto.; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de política**. 5. ed. Brasília: Ed. Universidade de Brasília; São Paulo: Imprensa Oficial de Estado, 2000. v. 2.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides de. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**, 2009.

PERLONGHER, Néstor. **O negócio do michê: prostituição viril em São Paulo**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

QUEIROZ, Paulo Roberto Cimó. Divisionismo e “identidade” mato-grossense e sul-mato-grossense: Um breve ensaio. **CPDO-UFMS**, maio de 2005.

RASPANTI, Márcia Pinna. O que “eles” vestem: moda, vaidade e masculinidade no Brasil. **História dos homens no Brasil**. São Paulo: Editora da UNESP, p. 185-212, 2013.

SIMMEL, Louis. A metrópole e a vida mental. Em: VELHO, O. G. (Org.). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar, 1973

SIMONDON, Gilbert. **L'individuation psychique .et collective**. Paris: Aubier, 1989.

SOUZA, Ezequiel. Masculinidades e religião: um olhar teológico. **Fazendo Gênero** 9 Diásporas, Diversidades, Deslocamentos 23 a 26 de agosto de 2010.

TAYLOR, Diana. A memória como prática cultural: mestiçagem, hibridismo, transculturação. In: TAYLOR, Diana. **O arquivo e o repertório: performance e memória cultural nas américas**. Tradução Eliana Lourenço de Lima Reis. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2013.

VELHO, Gilberto. Observando o Familiar. In: NUNES, Edson de Oliveira (Org). **A aventura sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 36-46.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Revista Estudos Feministas**, v. 9, n. 2, p. 460-482, 2001.

ZANELLO, Valeska. Masculinidades, Cumplicidade e Misoginia na “Casa dos Homens”: um estudo sobre os grupos de whatsapp masculinos no Brasil. In: FERREIRA, Larissa (Org.). **Gênero em perspectiva**. Curitiba: CRV, 2020. p. 79-102.